

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS III BACABAL - MARANHÃO
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-SOCIOLOGIA

FORTUNATA MARIA DA LUZ

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E (RE)ESCRITA DE SI: Memória, vocação e
trajetória do Pastor Boaventura Pereira Sousa**

BACABAL/MA

2018

FORTUNATA MARIA DA LUZ

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E (RE)ESCRITA DE SI: Memória, vocação e trajetória do Pastor Boaventura Pereira Sousa

Trabalho de conclusão de curso de graduação será apresentado Universidade Federal do Maranhão, Campus III de Bacabal/Ma como requisito para a obtenção do título de graduação em licenciatura em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

BACABAL/MA

2018

Maria da Luz, Fortunata.

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E REESCRITA DE SI: :

memória, vocação e trajetória do Pastor Boaventura Pereira
Sousa / Fortunata Maria da Luz. - 2018.

66 p.

Orientador(a): Wheriston Silva Neris.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal,
2018.

1. Autobiografia. 2. Escrita de si. 3. Identidade.

4. Memória. I. Silva Neris, Wheriston. II. Título.

FORTUNATA MARIA DA LUZ

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E (RE)ESCRITA DE SI: Memória, vocação e trajetória do Pastor Boaventura Pereira Sousa

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris
Universidade Federal do Maranhão -UFMA

Profa. Dra. Maria José dos Santos
Universidade Federal do Maranhão -UFMA

Prof. Msc. Marcos Ferreira Silva
Universidade Federal do Maranhão -UFMA

*Dedico a Deus e toda minha família,
amigos e professores e colegas de
turma. Sou grata a todos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido força e disposição e saúde para que mesmo em momentos de fragilidade tivesse força para superar e não desistir, sem Deus nada seria possível pois houve muitas adversidades mas venci.

Agradeço minha família meus tios e primos pelo incentivo e todos que colaboraram para que esse sonho se tornasse realidade.

Agradeço as minhas colegas de turma que muito contribuíram para que pudesse concluir este curso me ajudando nos trabalhos, seminários e atividades sempre cooperando comigo, tive a graça de conhecer pessoas especiais e participar de um grupo que se manteve unida até o fim do curso, sempre colaborando nas atividades, que é o grupo das tops como carinhosamente chamamos, composto por: Cleomar, Jessiane, Lilia, Tamara, Paula, Silvana, que foram fundamentais na minha jornada acadêmica sem elas não sei o que teria acontecido.

Agradeço a todos os professores em especial ao meu prof. orientador Wheriston Neris, que me apoiou na realização desse trabalho, e responsável pela orientação e incentivo e por ter podido fazer parte do foco acadêmico sobe sua supervisão grata, e em especial ao professor João Caetano, que muito me apoiou durante esta jornada acadêmica.

A todos os professores muito grata pelo aprendizado e momentos inesquecíveis que tive durante a graduação.

Sou grata a todos os orientadores de Estágios, os professores: Clevér, João Caetano, Thaisa, Wheriston e Evaristo, e a todos os diretores e professores das escolas que pude estagiar, da escola Marão Filho e Manoel Campos Sousa, que me receberam muito bem, me apoiando nas atividades e dando suporte necessário aos estágios.

Agradeço ao meu nobre amigo e prof. Ms. Marcos Ferreira Silva, que foi muito prestativo e muito me ajudou cedendo alguns de seus materiais e apoio durante essa pesquisa.

As caronas de alguns colegas de turma quase a turma toda pois nem sempre meu tio podia me levar e sem eles não teria conseguido concluir que são: kelma, Gilvan, Rusthon, Adriano, Cledson. Cleidiane, Jessiane, Jéssica, Paula, Ildean, Alain, Rafael, Cleomar, Eugenio, Lilia, Leandro Cabral, Talitinha, Josenilsom, etc....

Agradeço as minhas amigas da igreja Aninha e Talita, pela força e relevar minha ausência em alguns momentos, hoje em dia elas compreendem o porquê, pois, estão na mesma batalha da graduação.

A essa instituição por ter me propiciado momentos de grande aprendizado, agradeço a cada membro desde direção a administração da UFMA.

Grata a todos, muito obrigada!

*A mais urgente pergunta a ser feita nesta vida é: o que fiz hoje pelos outros?
(Martin Luther King Jr.)*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a narrativa autobiográfica produzida pelo Pastor Boaventura Pereira Sousa, que foi liderança destacada da Assembleia de Deus em Bacabal por 33 anos, sendo jubilado no ano de 1996. A questão central encontra-se na exploração das dimensões reflexivas que englobam o trabalho de escrita de si e a maneira como ela condiciona o trabalho de enquadramento da memória na referida instituição. Desse modo, a análise do livro *“Autobiografia e eventos que a história não divulgou”* (SOUSA, 2016).

Explorando a maneira como o autor apresenta diferentes etapas de sua vida organizadas em diferentes momentos; infância, genealogia, conversão, relações políticas e sociais, sua jubilação, estratégias de evangelização e as dificuldades do seu ministério, as perseguições e predicados para se tornar pastor.

E buscamos explorar as dimensões e problemáticas que concerne aos estudos de trajetórias e narrativas de vida nas ciências sociais, e uma breve reconstituição sobre o estabelecimento do pentecostalismo no Brasil com particular atenção sobre sua instalação no Maranhão e em Bacabal, espaço de análise em que se escreve a trajetória do pastor Boaventura.

Palavras-chave: Autobiografia; escrita de si; memória; identidade

ABSTRACT

This paper aims to analyze the autobiographical narrative produced by Pastor Boaventura Pereira Sousa, who was the outstanding leader of the Assembly of God in Bacabal for 33 years, being retired in 1996. The central question lies in the exploration of the reflective dimensions that encompass the work of writing itself and the way it conditions the work of framing the memory in that institution. Thus, the analysis of the book "Autobiography and events that history has not divulged" (SOUSA, 2016).

Exploring the way the author presents different stages of his life organized at different times; childhood, genealogy, conversion, political and social relations, his retirement evangelization strategies and the difficulties of his ministry, persecutions and predicates to become pastor.

And we seek to explore the dimensions and problems that concern the study of trajectories and life narratives in the social sciences and a brief reconstitution on the establishment of Pentecostalism in Brazil with particular attention to its installation in Maranhão and in Bacabal, space of analysis in which writes the trajectory of Pastor Bonaventure.

Keywords: Autobiography; writing of self; memory; identity

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1. SOBRE O CARÁTER INTERPRETATIVO DO DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO	16
1.1. Sobre o retorno do enfoque biográfico no campo historiográfico e sociológico	17
1.2. Sobre a natureza do discurso autobiográfico e de suas funções: histórias de vida, testemunhos e autobiografias	20
1.3. Gestão e enquadramento da memória na Assembleia de Deus	25
2 . O PENTECOSTALISMO NA HISTÓRIA E O SURGIMENTO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS	30
2.1. Pentecostalismo norte-americano.....	30
2.2. O Pentecostalismo no Brasil	32
2.3. Pentecostalismo São Luís no Maranhão	33
2.4. Implementação do Pentecostalismo em Bacabal.....	37
3. TRAJETÓRIA DO PASTOR BOAVENTURA PEREIRA SOUSA: vida e ministério pastoral	40
3.1. Família, infância, conversão e batismo	40
3.2. Providência de Deus sua esposa Inácia	45
3.3. Ministério, e predicados para se tornar pastor	46
3.4. As Dificuldades e Estratégias de evangelização.....	49
3.5. Quando assume liderança da AD Bacabal e Jubilação.....	53
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
ANEXOS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a narrativa autobiográfica produzida pelo Pastor Boaventura Pereira Sousa, que foi liderança destacada da Assembleia de Deus em Bacabal por 33 anos, sendo jubulado ou (aposentadoria) no ano de 1996. A questão central encontra-se, portanto, na exploração das dimensões reflexivas que englobam o trabalho de escrita de si e a maneira como ela condiciona o trabalho de enquadramento da memória na referida instituição. Desse modo, a análise do livro “*Autobiografia e eventos que a história não divulgou*” (SOUSA, 2016) não tem qualquer intenção de reforçar o relato autobiográfico no sentido de confirmar ou contradizer a lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva que geralmente ultrapassa os escritos dessa natureza (BOURDIEU, 2006). Ao contrário, é justamente a reflexividade e o relato sobre a própria vida, o que implica na seleção de acontecimentos significativos e sua organização em torno de conexões e marcos de sentido, que se encontra sob foco. Ou seja, o que entra em pauta aqui é a interpretação subjetiva, a produção do sentido e as funções das práticas de escrita e narração - dominar simbolicamente a realidade; objetivar o tempo; trabalhar episódios da experiência, inclusive as mais dolorosas; compreender situações, relações sociais, experiências e sentimentos e preencher funções morais e/ou terapêuticas (LAHIRE, 2008 PINA, 1991).

O interesse por essa temática se vincula à minha própria trajetória na Assembleia de Deus como evangélica. Não ao acaso, quando comecei a imaginar um tema para o trabalho de conclusão de curso, o que me interessava era a relação entre tradicionalismo e modernidade dentro da Assembleia de Deus. À essa altura, queria saber como em uma Igreja marcada por forte rigidez doutrinária incorporavam-se novos estilos, comportamentos e padrões estéticos. Essa curiosidade começou a adquirir um formato mais acadêmico quando fiz a disciplina de

Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC 1), ministrada pelo Prof. Dr. Wheriston Silva Neris. Naquela ocasião, fazendo um levantamento de dados sobre a história da Assembléia de Deus (AD) em Bacabal e sobre seus fundadores, e dos pastores que estiveram à frente desta igreja, o professor me orientou que seria interessante pesquisar sobre a vida de sua liderança mais longeva e destacada, o pastor Boaventura Pereira Sousa.

Reconhecido socialmente como uma das principais referências religiosas da Assembleia de Deus em Bacabal, o Pastor Boaventura manteve-se na liderança dessa Igreja entre 1963 e 1996, quando foi jubulado e a presidência foi assumida pelo Pastor Francisco Raposo Filho, o qual mantém-se como presidente até hoje. A imagem da igreja Assembleia na região confunde-se, portanto, com a própria experiência e percepção de sua principal liderança, cuja longevidade no cargo se destacava, pois, enquanto “na capital as mudanças de pastores eram constantes e em alguns interiores do Estado, mas em Bacabal isso não ocorreu após Boaventura assumir a liderança da igreja” (ALMEIDA, 2017, p.34).

A princípio, tínhamos como meta analisar a trajetória do Pastor Boaventura, apreendendo as suas definições sobre o que significa ser pastor, sobre a natureza da vocação religiosa e sua percepção sobre as transformações recentes de sua Igreja. Formado e recrutado para a Assembleia de Deus em um momento de instalação dela na região Norte/Nordeste, sua visão de médio prazo constituiria, em nossa perspectiva, uma entrada interessante para discutir o processo de profissionalização da atividade pastoral e de modificação em seus padrões de recrutamento, seleção e exercício. Metodologicamente o estudo adotaria como metodologia principal a coleta e análise da história de vida, tendo em seu relato oral o principal suporte. Ocorre que o Pastor faleceu antes que tivéssemos a chance de entrevistá-lo, razão pela qual tivemos que readequar o foco do trabalho. Evidentemente, em se tratando de uma figura tão destacada, já se encontram disponíveis alguns trabalhos que exploram a trajetória do Pastor e da própria instituição na região - entre os quais se destaca a pesquisa que vem sendo conduzida

com afinco pelo Prof. Marcos Ferreira Silva para resgate da memória institucional local¹. Porém, mais do que o desejo de realizar uma pesquisa com objeto distinto, na medida em que fomos explorando o seu relato de vida, fomos nos dando conta de que essa narrativa autobiográfica poderia ser tomada como laboratório particularmente profícuo para a análise dos esquemas implícitos de interpretação do social que recobrem esse tipo de material e das operações reflexivas e de seleção que lhes são subjacentes.

Evidentemente, esse trabalho não seria possível sem que houvesse produções acadêmicas recentes com as quais estabelecemos diálogos bastante profícuos. É o caso, por exemplo, da dissertação de Bertone de Oliveira Sousa (2010) *“Uma perspectiva Histórica sobre a construção de identidades religiosas –A Assembleia de Deus em Imperatriz -Ma (1986-2009)”* que relata sobre origens do pentecostalismo brasileiro sobre sua inserção no Maranhão especificamente em Imperatriz, procurando delimitar a identidade cultural evangélica gestada pela AD, a partir de aspectos da formação histórica de Imperatriz e sua inserção no processo de Modernização brasileira. Da mesma forma, foi importante a leitura da dissertação de mestrado de Elba Fernanda Marques Mota (2013), *“Representações de si e pratica da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)”*, cujo foco recai sobre a análise das obras, artigos e escritos produzidos ou não por Estevam Ângelo de Sousa, pastor da Assembleia de Deus em São Luís.

Ainda no que tange aos trabalhos que tiveram importância para esta pesquisa, convém destacar ainda dois, cujo objeto é bastante semelhante a este. Em primeiro lugar o trabalho de Marcos Ferreira Silva (2006) intitulado, *“O pentecostalismo em Bacabal Maranhão: representabilidade e protagonismo da igreja Assembleia de Deus nas décadas de 1930 a 1950”*, o qual constitui a principal referência nos estudos sobre o pentecostalismo na

¹ Seria necessário acrescentar aqui a generosa postura do Prof. Marcos Ferreira Silva que gentilmente cedeu documentos, textos de sua própria lavra e até mesmo entrevistas que realizou com o pastor Boaventura, pelo que somos muito gratos.

região do Médio Mearim. Como desdobramento das searas de pesquisa abertas pelo autor, tem-se a pesquisa mais recente de Poliane Pereira Almeida (2017) “*Trajetória e ministério do pastor Boaventura Pereira Sousa na Assembleia de Deus em Bacabal (1963-1996)*” cujo foco era as conexões entre a trajetória do referido pastor a e própria história da expansão e da consolidação da AD em Bacabal.

Ante o exposto, a monografia que segue encontra-se dividida em três capítulos. No primeiro, buscamos explorar dimensões e problemáticas que concernem aos estudos de trajetórias e narrativas de vida nas Ciências Sociais. Sem a pretensão de oferecer um balanço exaustivo, o que desejamos é expor ao leitor as bases conceituais e as pesquisas com as quais estabelecemos diálogo. Na sequência, recorremos a uma breve reconstituição sobre o estabelecimento do pentecostalismo no Brasil, com particular atenção sobre sua instalação no Maranhão e em Bacabal. Baseado na crescente bibliografia disponível a respeito, trata-se neste caso de reconstruir o espaço de análise em que se escreve a trajetória do Pastor Boaventura. No último capítulo descrevemos como o pastor Boaventura, já ao final de sua vida, reconstitui seu percurso e retrabalha suas diferentes etapas e experiências de vida, todas elas organizadas em função de sua relação com a Igreja, notadamente a conversão e o ministério.

1. SOBRE O CARÁTER INTERPRETATIVO DO DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO

O objetivo deste capítulo é realizar uma discussão teórica sobre a natureza do discurso autobiográfico, seu lugar nos campos historiográfico e sociológico, bem como as funções que recobre para a gestão da memória e da identidade de uma instituição religiosa como a Assembleia de Deus. Tal discussão se justifica pela própria necessidade de exploração das bases conceituais do trabalho, e também devido ao fato de que a análise da autobiografia do Pastor Boaventura Pereira Sousa se conecta a um problema conceitual que atravessa diferentes áreas e domínios. Sem a pretensão de esgotar esses temas, evidentemente, no que segue passaremos em revista algumas das pesquisas e discussões que serviram de inspiração à presente pesquisa.

No primeiro tópico, o chamado renascimento do enfoque biográfico no campo historiográfico e sociológico, com atenção ainda à maneira como essa discussão se inscreve no Brasil. A seguir, apresentamos algumas distinções conceituais importantes com relação à história de vida, biografia, relato biográfico e testemunho, e buscamos explorar algumas das problemáticas de análise que tem pertinência no presente trabalho. Por fim, voltamos-nos a questão da gestão institucional da memória e da responsabilidade e papel exercido por aquela pequena fração dos seus representantes que se encarrega de interpretar a história da instituição, de outros ou a sua própria em quadro de marcada ortodoxia doutrinária como o assembleiano.

1.1. Sobre o retorno do enfoque biográfico no campo historiográfico e sociológico

Desdenhada desde longo tempo na tradição do movimento dos Annales, assimilada à exaltação das “glórias nacionais”, “grandes vultos”, “heróis” e “personalidades” e identificada com a história positivista, a exploração de biografias, relatos de vida, autobiografias conhece hoje um relativo e consistente rejuvenescimento graças, em grande parte, a um conjunto de modificações operadas no campo historiográfico desde as décadas de 70/80. Sucintamente, essa reviravolta esteve associada a toda sorte de rupturas, guinadas e aberturas que dinamizaram o horizonte epistemológico da disciplina e que foram traduzidos semanticamente pelos designados “retornos” e “renascimentos” da história política e narrativa, pelas reações ao modelo da história estruturalista e o novo interesse direcionado ao cotidiano, às “subjetividades”, à história oral, à cultura popular, a história das mulheres, etc.

Por intermédio desses processos, novamente as imprecisas fronteiras entre biografia, narrativa² e história são revisitadas, e a balança de interesses que pendia anteriormente para os destinos coletivos (instrumentalizada por desvios estatísticos e/ou prosopográficos, comparações, tipologias e modelos) desloca-se para a escala individual, as situações vividas e as estratégias singulares. Desse ângulo, para Roger Chartier (1994, p. 02), o objeto da história, anteriormente concentrado sobre as estruturas e mecanismos que regulavam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, tende a integrar as “racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos”. Esse retorno seria perceptível em diversas correntes, tais como na nova história francesa (Jacques Le Goff; Georges Duby), na micro-história italiana (Carlo Ginzburg), no campo da psico-história (Peter Gay), entre historiadores marxistas britânicos (Christopher Hill), na nova história cultural norte-americana (Natalie Zemon Davis). Na historiografia brasileira, é possível afirmar que o

² Giovanni Levi, por exemplo, argumenta que “A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia” (LEVI, 1998, p. 168).

interesse sobre as biografias obteve maior destaque a partir da década de 1990³ (SCHMIDT, 1997), quando houve, ainda, uma forte popularização do método da História Oral (SANTOS et al., 2014).

É verdade, no entanto, que enquanto se pode falar de um “retorno da biografia” no âmbito historiográfico e de maneira geral no universo acadêmico, as narrativas biográficas nunca desapareceram do universo de produção cultural mais amplamente considerado. Isto é, biografias e autobiografias continuaram “ao longo do tempo e sem solução de continuidade, sendo produzidas por jornalistas, advogados, médicos, políticos, militares, enfim, por agentes de formações culturais e escolares e de profissões as mais diversas” (GRIJÓ, 2008, p. 90). Dado que a presença de ensaios biográficos não é fenômeno raro em contexto regional, tal recorrência já deveria ter suscitado o interesse dos pesquisadores para interrogar quais são (ou eram) as condições individuais e coletivas e as estratégias que autorizam uma pessoa a escrever sobre a vida de outrem ou acerca de si próprio sem experimentar o sentimento de ser pretensioso, arrogante e narcisista. Um novo e instigante programa investigativo poderia ser direcionado então “à busca da clarificação de quem se dedica à empresa biográfica, por que e baseado em que princípios de classificação” (GRIJÓ, 2008, p. 91)

Com relação ao campo sociológico, embora atualmente seja possível falar em uma espécie de renascimento do “enfoque biográfico”, para usarmos uma expressão de Daniel Bertaux (1999), após seu uso intenso pelos estudiosos da Escola de Chicago entre as décadas de 1920 e 1940, essa abordagem teve marcado eclipse no campo de interesse das ciências sociais, até que se deu o seu ressurgimento na década de 1970, contemporaneamente ao ocorrido no campo historiográfico. Antes que isto ocorresse, é válido ressaltar que as pesquisas

³ Em 1997, a Revista Brasileira de História e a Revista Estudos históricos dedicaram números à discussão do tema biografias.

qualitativas centradas em relatos orais realizadas a partir da década de 1940 mantinham uma posição marcadamente marginal.

É nesse sentido que caberia retomar aqui a síntese apresentada por Hermílio Santos, Patrícia Oliveira e Priscila Susin (SANTOS et al., 2014) a respeito do lugar das narrativas e da pesquisa biográfica na sociologia brasileira. Como ressaltam os autores, o uso dos relatos orais e das histórias de vida possui, em seu ponto de partida, diferentes fases. De início, esse interesse aparece vinculado aos estudos sobre a marginalização da população indígena, com destaque ao papel pioneiro de Florestan Fernandes, e logo após, já na década de 1950, com os estudos patrocinados pela Unesco a respeito das relações raciais brasileiras, consideradas então como exemplos de democracia racial. Já em 1960, os focos das pesquisas eram a metodologia de pesquisa social focadas no relato individual, e outro fator de relevância para o fortalecimento da metodologia centrada em relatos individuais foi o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDoc). Neste centro, começaram a ser arquivados e analisados os relatos orais de líderes políticos da sociedade que estavam envolvidos na revolução de 1930.

Apesar das críticas recebidas, as pesquisas centradas sobre a história oral e os relatos de vida tornaram-se bastante difundidas entre os anos de 1970 e 1980. Como demonstra Verena Alberti (1997), a partir de então a tendência foi a diversificação da coleta das histórias de vida de agentes concretos. Não apenas das elites ou de lideranças política, como ocorria anteriormente, mas também de trabalhadores do campo e da cidade, mulheres, exilados, migrantes, enfim, de diversas “pessoas comuns”. Porém, o que entra em curso não se resume somente a uma extensão dos atores, posto que entra em pauta a preocupação com novas dimensões de análise e objetos, quais sejam: as práticas cotidianas, os padrões comportamentais, as representações e visões de mundo, as percepções sobre a transformação do meio. Um exemplo que pode ser tomado desse período é o importante trabalho de Eclea Bosi

a respeito da memória de idosos, com o que a autora tenta compreender as mudanças históricas e sociais ocorridas em São Paulo ao longo de décadas.

Intrigantemente, ao passo em que se dá maior diversificação dos problemas e objetos discutidos pelos pesquisadores adeptos da história de vida no campo historiográfico e sociológico brasileiro, e mesmo que as abordagens de cunho qualitativo tenham obtido bastante relevância, enquanto na história essa tendência foi aprofundada, no espaço sociológico houve uma tendência de redução do interesse. Não é ao acaso que o debate metodológico sobre a história oral e o uso dos relatos de vida tenha se afirmado no Brasil principalmente no campo historiográfico, donde se destacam os trabalhos de Alberti (1990), ao passo em que na sociologia houve um empobrecimento do debate, geralmente subsumindo-o às questões sobre os métodos qualitativos (SANTOS et al., 2014). Apesar disso, as referências, questões e desafios com os quais se defrontam pesquisadores na História e nas Ciências Sociais são os mesmos, e o quadro atual é de refinamento dos conceitos de histórias de vida, história oral e biografia.

1.2. Sobre a natureza do discurso autobiográfico e de suas funções: histórias de vida, testemunhos e autobiografias

Expostas algumas das tendências de análise do retorno ao sujeito no campo historiográfico e sociológico, talvez fosse interessante tecer algumas considerações sobre a natureza do discurso autobiográfico e sobre as funções desse trabalho sobre o autor do relato, a fim de precisar com ainda mais detalhe o sentido com que a autobiografia do Pastor Boaventura é apropriada neste trabalho. Para tanto, recorreremos aqui às sugestões metodológicas de Carlos Pina e Bernard Lahire, de onde podemos extrair delineamentos metodológicos importantes para abordagem desse material.

Com efeito, embora o relato autobiográfico, a história de vida e o testemunho possam ser tomados como gêneros entrelaçados, e empiricamente até se sobreponham, vale à pena reter algumas distinções importantes destacadas por Carlos Pina (1991), de onde derivam alguns critérios metodológicos decisivos. Na perspectiva empregada neste texto, história de vida é definida como uma investigação ampla e em profundidade a respeito de um ou vários sujeitos, para a qual se utiliza uma grande quantidade/diversidade de materiais (arquivos, relatos indiretos, cartas, reconstruções históricas, contratos, etc.), inclusive relatos feitos pelo próprio indivíduo a respeito de si próprio. Já o testemunho reserva-se ao relato no qual a pessoa se refere, através de suas vivências pessoais, a algum acontecimento histórico ou social do qual foi testemunha, sem que sua vida, seu itinerário através do tempo, seja necessariamente o eixo central da narração. Por fim, emprega-se aqui as noções de relato de vida, relato autobiográfico, discurso autobiográfico, escrita de si, autobiografia (tomados enquanto sinônimos), para designar a versão oral ou escrita, em suas diferentes modalidades e graus de estruturação, que um indivíduo dá de sua própria vida (PINA, 1991).

Ante o exposto, ainda conforme Pina (1991), ao trabalhar com discursos autobiográficos, o pesquisador deve atentar para pelo menos quatro dimensões importantes, como será explicitado a seguir. A primeira delas é de que todo relato de vida não se destaca especialmente pela quantidade ou a qualidade específica da informação histórica ou etnográfica que proporciona. Sua especificidade e potencialidade particular não é exatamente o de ser o reflexo fiel do que foi essa vida, haja vista a impossibilidade de apreender toda uma vida e descrever com tudo aquilo que nela tenha sido efetivamente importante. A questão que se pode reter aqui é como o sujeito apresenta uma visão, para si e para outros, sobre a sua própria vida, o que significa, no final das contas, em um processo complexo de seleção, montagens, omissões, atribuições de causalidade, etc., cuja função primeira é a construção de uma estrutura interpretativa que explica a existência de um personagem. Quer dizer, a preocupação metodológica principal deve ser a de compreender os procedimentos, exigências, pressupostos,

mecanismos e condições que regulam a produção da própria biografia. E nesse particular, encontra-se a própria possibilidade de narrar a própria vida dentro de estruturas de relatos que nunca são inteiramente resultantes de escolhas individuais, posto que se inscrevem em modos de recontar relativamente restritos e compartilhados socialmente.

Como será visto adiante, esses imperativos se inscrevem na própria vinculação à instituição religiosa e nos procedimentos de enquadramento que, embora dissimulados, encontram-se sempre em ação, suscitando convergências imprevistas, familiaridades de formas, verossimilhanças de conteúdo e função. Como sintetiza Pina (1991, p. 101, tradução nossa): “O produto final indubitavelmente carrega um selo pessoal, mas cada sujeito o elabora e desenvolve na base de atribuições de significado preexistentes em seu universo cultural”. Isto é, antes de tomar a narrativa como um efeito das estruturas ou como explicativo delas, o enfoque autobiográfico deve atentar para a análise da versão apresentada sobre si, como meio para compreender certos processos coletivos e compartilhados de atribuição de significado.

O segundo aspecto que deve estar claro para o analista é de que, embora esse discurso se apresente como pura descrição fidedigna sobre uma vida, íntima e em primeira mão, toda autobiografia constitui um conjunto organizado de interpretações, seleções, classificações, que estabelecem causalidades e vínculos de sentido entre acontecimentos, experiências e lembranças. Nesse sentido, como terceiro aspecto, toda autobiografia resulta em uma construção de uma imagem de si mesmo, uma representação realizada para si e para os outros que delinea uma identidade como pessoa, sujeito e personagem. Dessa maneira, todos os atributos apresentados, destacados, selecionados, participam do trabalho reflexivo de sustentar ou outorgar uma imagem de credibilidade sobre si mesmo. Mediada por um texto escrito, por um modo de objetivação, essa representação materializa uma identidade específica, ao contrário da multiplicidade de visões e auto definições do sujeito com o passar do tempo, e conecta a um nome próprio uma constância no tempo e no espaço.

Essa particularidade do discurso autobiográfico raramente é submetida a análise. Ora, na medida em que o narrador fala em primeira pessoa e estrutura o desenvolvimento do texto em torno de si mesmo como personagem central – ele é simultaneamente narrador e personagem – somos levados, na qualidade de leitores, a assumir a sua visão particular e ficarmos a mercê de suas definições, explicações, com o que se cria a ilusão de fidedignidade e integralidade do relato. Evidentemente, nesse processo, somos levados a esquecer que o texto, por mais elaborado que seja, constitui um ato interpretativo que delimita, fixa e objetiva uma imagem do sujeito que é apenas uma entre outras possíveis. Esse aspecto torna-se particularmente claro quando se leva em conta a situação biográfica daquele que relata, última das dimensões a ser destacada. Todo narrador/personagem constrói seu personagem a partir de uma posição existencial, seja ela temporal, espacial, social, de gênero, etc. Ora, ao levarmos essa situação biográfica em conta, o que se nota é que cada processo de interpretação sobre a própria vida encontra-se em constante mutação, jamais estando fixada de uma vez por todas. Nesse sentido, ao contrário do que frequentemente se imagina, o presente adquire importância determinante para reconstrução do passado e redefinição dos futuros possíveis.

Em qualquer momento da visão acerca do passado e desenho do futuro da vida de cada um, mediado e imediato, vai se fazendo e destruindo constantemente, mas nunca a partir do zero, senão à base de, entre outras coisas, o significado que se atribui ao tempo transcorrido e aos sucessos que conformam o presente. Na medida em que sucedem novos episódios que compõem a vida de alguém, o sujeito vai modificando permanentemente a identidade de si mesmo, mas não somente no que se refere a sua posição em relação ao futuro, senão também com respeito ao passado. Isso alude a um processo contínuo mediante o qual cada pessoa reinterpreta a totalidade de sua existência, reconstrói a si mesmo a partir de sua atualidade (PINA, 1991, p. 113).

Com efeito, existem situações biográficas muito especiais que atuam como estímulos poderosos para esses processos de reescrita do passado. Um interrogatório policial, uma terapia psicológica, uma enfermidade mortal, uma confissão religiosa, submeter-se a entrevistas, o envelhecimento, etc., são todas experiências que operam como gatilhos para esse processo de seleção de memórias e (re)escrita de si. Da mesma forma, há determinadas condições materiais e simbólicas que constituem condicionantes para a produção de relatos autobiográficos, cujas

possibilidade e competências estão longe de serem distribuídas de maneira equitativa no espaço social.

É nesse ponto que se pode recorrer às perspectivas de Bernard Lahire (2009) a respeito dos significados das narrativas e escritas de si e das funções simbólicas recobertas por essa prática. Como demonstra o autor, é necessário ao pesquisador levar em conta que as competências escriturais necessárias para a produção dessas modalidades de relato são muito desigualmente distribuídas, variando quer em função da idade (com maior frequência entre idosos), quer em relação ao capital cultural (com maior recorrência entre os diplomados), em relação ao gênero (com maior frequência entre homens), quer em função do maior ou menor prestígio social (mais frequente em lideranças e dirigentes). Apesar disso, valeria à pena, na visão do autor, destacar alguns dos efeitos dessas escrituras pessoais sobre as condições de reflexividade dos atores sociais e sobre as modalidades de gestão da vida cotidiana.

Para Bernard Lahire (2009), as práticas escriturais permitem aos atores dominar simbolicamente dimensões da sua existência e da prática em diferentes planos: a linguagem, o espaço e o tempo. Suscitando formas de objetivação do tempo, esses escritos permitem ainda colocar em perspectiva e à distância determinadas cenas e acontecimentos vividos, redimensionar experiências do passado, e preparar as iniciativas futuras. A aplicação sobre si dessas formas de exame e controle permite ainda, ao narrador, colocar em palavras acontecimentos que permaneceriam em estado semiconsciente, suscitando a tomada de consciência de coisas (situações, relações sociais, experiências, sentimentos, condicionantes) que dificilmente seriam objeto de reflexão sistemática. É talvez desse ângulo, ainda, que a escrita e a leitura de um texto autobiográfico possam ter um papel reparador, terapêutico, autorizando o trabalho sobre acontecimentos tristes e experiências dolorosas, a atribuição de novos sentidos à existência, e a aceitação, elucidação e apaziguamento com relação àquilo que

foi vivido com extrema intensidade e de maneira insuportável (doenças, falecimento de pessoas próximas, problemas com drogas, divórcio...etc.).

Nessa perspectiva, os momentos da escrita e da leitura, em resumo, as conjunturas biográficas, assumem papel decisivo para a passagem ao ato. Situação de grandes rupturas de vida (divórcio, separação, falecimento, desenraizamento, desemprego...) e, notadamente, período de grandes alterações no ciclo da vida (a adolescência com seus conflitos, assim como a aposentadoria e a velhice, por exemplo) constituem-se em circunstâncias favoráveis à aparição desse gênero de práticas de escrita desde que, evidentemente, os atores em pauta disponham de competências escriturais e de familiaridade com o trabalho escrito. Dessa perspectiva, um texto jamais pode ser desvinculado do contexto com e contra o qual ele foi produzido e a função que preenche nessa ocasião para o escritor. Como esclarece Lahire (2009, p. 174-175, tradução nossa):

Qualquer que seja o modo de interrogação dos textos que o pesquisador pretende colocar em ação, é impossível considerar “o que é dito” como uma simples coleção de fatos reais que informariam sobre a vida de uma pessoa, de uma profissão de uma família, de um meio, de uma vila, de uma região ou de uma época. A autobiografia ou o relato pessoal não são simples documentos nos quais o pesquisador poderia localizar informações objetivas, mas textos cujo conteúdo só toma sentido quando restituído ao momento de uma trajetória.

Dessa perspectiva, uma sociologia dos relatos biográficos, tal qual a autobiografia do Pastor Boaventura, passa inevitavelmente pela reflexão sobre o momento do percurso biográfico do seu autor, e também pelas funções terapêuticas e, sobretudo, morais que a produção desse texto visa preencher, ao nos apresentar uma representação sobre si, entre outras possíveis.

1.3. Gestão e enquadramento da memória na Assembleia de Deus

Com efeito, embora nenhuma estrutura institucional obrigue atualmente alguém a escrever uma autobiografia ou a produzir escritos dessa ordem, pelo menos não diretamente,

em todas elas há uma preocupação com a gestão da memória e de sua própria história. Com a Assembleia de Deus não foi diferente. Como mostra o trabalho de Maxwell Pinheiro Fajardo (2012), além da produção de jornais e de variados títulos no mercado literário evangélico, a Assembleia de Deus, através da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), fomentou a produção de diversos livros contando a história da instituição em um momento de aprofundamento das disputas no universo religioso.

Especialmente em datas comemorativas, deu-se início desde a década de 1940 à produção do que se poderia chamar de uma “memória oficial da Igreja”, perpassada por fatos, personagens e locais que foram tomados como protagonistas do movimento pentecostal assembleiano desde o início do século passado.

De lá para cá, diversas literaturas têm sido produzidas pela igreja, como as biografias dos fundadores e dos primeiros líderes. Assim, em 1960 foi publicada a História das Assembleias de Deus (CONDE, 1960), que na década de 80 foi reorganizada e reescrita (ALMEIDA, 1982). Em 1997, em consequência do 2º Congresso Mundial Pentecostal, organizado pela AD, foi produzida uma terceira história (OLIVEIRA, 1997). A quarta versão surge em 2011, sob o título 100 acontecimentos que fizeram a História da Assembleia de Deus no Brasil em comemoração ao centenário da denominação (ARAÚJO, 2011a). Há também o livro 100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil (ARAÚJO, 2011b), também lançado no centenário e História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (DANIEL, 2004), lançado em 2004 e que retrata o período a partir de 1930, que marca o início da institucionalização da igreja, com a criação da sua convenção (FAJARDO, 2012, p. 279-280).

Na base desse processo encontra-se, obviamente, um grupo seletivo de intelectuais de instituição cujo pertencimento religioso se soma à posse de competências para assumirem o papel de intérpretes da história e da cultura institucional, cuja análise das carreiras mereceria maior aprofundamento, é válido dizer. Seja como for, a questão é que a Assembleia de Deus “é umas das igrejas que mais dispõe de fontes escritas, históricas e biográfica de seus líderes, essa preocupação surgiu a partir dos anos 1980, onde quase todas as narrativas abordam a origem, crescimento, e enaltecendo os seus fundadores” (SOUSA, 2010, p.144). No Maranhão não é muito diferente, visto que além das obras de síntese sobre a história da Igreja local (SILVA, 2001; 2007), conta-se já com as autobiografias de Nels Nelson (2001), Alcebíades Pereira de

Vasconcelos (2003), uma biografia não publicada do Pastor Estevam Ângelo de Souza (1994) e, mais recentemente, a biografia do Pastor Boaventura Pereira de Souza (2016).

Em boa medida, a posição desses diferentes intérpretes da história institucional e da sua própria os aproximam do modelo do intelectual de instituição de que falava Gisele Sapiro (2012). Em uma instituição que prima pela ortodoxia doutrinária e apresenta uma cosmovisão autoritária e ultra-conservadora como a que está em pauta (SOUSA, 2009), o exercício da escrita submete-se prioritariamente à tarefa de ilustrar ou defender a doutrina da Igreja. O imperativo da responsabilidade com a instituição exige que o ato intelectual de escrita se exerça tendo em vista a sua função moral de consagrar as verdades da instituição, servir de lição confessional, orientar a conduta dos fiéis e inscrever-se como que obrigatoriamente dentro de uma história coletiva.

Não obstante, a pluralidade de escritos de caráter autobiográfico e as diversas semelhanças do ponto de vista narrativos, realizados por lideranças da Igreja Assembleia de Deus, chama a atenção para a reflexão sobre o lugar que esses textos têm na defesa e afirmação dos valores institucionais. A impressão que se tem, como sugerimos no tópico anterior, é que essas produções escritas remetem a padrões interpretativos e narrativos, cuja razão dizer não é outra, senão a inscrição de uma identidade e um modo de representação compartilhados. É que, como bem lembrava Maurice Halbwachs, a gestão da identidade mantém relação intrínseca com as formas de recordar e rememorar o passado que nunca são estritamente pessoais.

É muito comum atribuímos a nós mesmos, como se apenas em nós se originassem, as ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo. Estamos em tal harmonia com os que nos circundam, que vibramos em uníssono e já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros. Quantas vezes expressamos, com uma convicção que parece muito pessoal, reflexões tiradas de um jornal, de um livro ou de uma conversa! Elas correspondem tão bem à nossa maneira de ver, que nos surpreenderíamos ao descobrir quem é seu autor e constatar que não são nossas (HALBWACHS, 2006, P. 64)

Em outras palavras, isto significa que existem diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que nos inserem em uma coletividade de sentidos partilhados, os

quais recorrem, como no caso das autobiografias e dos escritos de caráter hagiográfico, a estruturas implícitas de sentido e narratividade. Assim, além do ato de escritura assumir uma função importante de reforço dos vínculos de pertencimento e de estabelecimento de fronteiras socioculturais, para não falar da exemplaridade moral e da legitimidade doutrinária, sua narrativa submete-se ao crivo da aceitabilidade testemunhal, sem o que esse relato não teria condições de preencher a função de reforço de uma base comum. Como assinala Michel Pollak (1989, p. 10):

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.

Portanto, o que está em pauta ao falarmos sobre o processo de enquadramento institucional é o fato de que desse controle depende o próprio sentimento de pertencimento ao grupo. E nesse sentido, pode-se compreender melhor a pressão que a instituição exerce, de maneira dissimulada ou explícita, para controlar a imagem que veicula do seu passado e as imagens forjadas para si mesma. Ocorre que além desse trabalho de enquadramento se apoiar sobre o material fornecido pelo passado (experiências, atores, marcos), sua reinterpretação sucessiva apresenta limites, já que mudanças brutais de direção e imagem podem trazer “riscos de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p. 12).

Disso tudo se infere a importância assumida pelos atores profissionalizados e intérpretes da história e da tradição que - seja ao falar da vida de figuras ilustres, seja ao relatar a sua própria - exercem a posição de intelectuais de instituição, encarregados do trabalho de formalização e constituição da memória oficial, submetendo-se às exigências morais de

justificação. É sem dúvida por essa razão que no início de sua autobiografia o Pastor Boaventura apresenta algumas justificativas para a redação do trabalho:

Tudo que tenho escrito nesta obra é um esforço para, de alguma forma, contribuir para o crescimento da obra de Deus, objetivando que alguns pastores atuais conheçam um pouco da história dos pioneiros, como eles agiram, como evangelizavam e como sofreram toda sorte de perseguições, para que fossemos o que somos. (SOUSA, 2016, p. 249).

Após início, verifiquei que não era tão difícil como no início pensei, porque conheço um pouco da história das Assembleias de Deus, e conheci os primeiros missionários e pastores pentecostais brasileiros, tanto no âmbito nacional como estadual. Com exceção do casal Vingren, todos os pioneiros pentecostais foram meus contemporâneos por muitos anos. (SOUSA,2016, p.10)

O pastor Boaventura fala das dificuldades que teve ao começar a escrever sua autobiografia, se esforçou bastante pois acredita que sua história pode contribuir para que novos membros e pastores conheçam sobre a história dos pioneiros e saiba de tudo que eles passaram para que hoje pudessem também participar deste grupo livremente.

2 . O PENTECOSTALISMO NA HISTÓRIA E O SURGIMENTO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS

O objetivo do presente capítulo consiste em retomar parte da história do movimento pentecostal e dentro dele, tratar sobre as condições de emergência da Assembleia de Deus no Brasil e no Maranhão. O propósito dessa reconstituição historiográfica é duplo: por um lado, trata-se de oferecer ao leitor condições para compreender as dinâmicas socioculturais em que se inscreve a expansão do pentecostalismo no Médio Mearim; noutro, objetiva-se vincular parte da trajetória do Pastor Boaventura a uma história simultaneamente institucional/coletiva e individual. Recorrendo a materiais diversos, tais como: produções acadêmicas recentes, material audiovisual, entrevistas, textos disponíveis em sites da instituição e à própria autobiografia analisada, objetivamos oferecer, portanto, um quadro mais amplo em que transcorre a trajetória sujeito ora analisado.

2.1. Pentecostalismo norte-americano.

O Pentecostalismo é considerado o fenômeno do século XX, com suas raízes profundas em solo Brasileiro, tem como suas maiores representantes a igreja Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil. (COSTA,2011, p.40)

Segundo Mota (2013), o movimento pentecostal nasceu nos Estados Unidos, na cidade de Chicago, no início do século XX, especificamente entre 1901-1906. Marcada por forte segregação racial, Chicago era então a quinta maior cidade do país principalmente por ser uma área industrial com um porto que recebia muita carga e imigrantes vindos em sua maioria da Europa e de outras localizações.

Conforme Costa (2011), foi do círculo de Durham que saíram os missionários que implantaram o Pentecostalismo no Brasil: Luigi Francescon, fundador da Congregação Cristã

do Brasil, em (1910) e Daniel Berg e Gunnar Vingren em (1911), fundaram a Assembleia de Deus no Estado do Pará dando origem ao Pentecostalismo Brasileiro. O Pentecostalismo Norte americano iniciou sua atividade em um evento ocorrido em Topeka Kansas 1900 por um grupo liderado por Parham, que é considerado o fundador do movimento pentecostal, pois criou a primeira igreja, “A Fé Apostólica” e elaborou uma concepção teológica do pentecostalismo fundamentada no “falar em línguas e no batismo com o Espírito Santo (MOTA, 2013, p.34)

Conforme Sousa (2010) o movimento pentecostal nos Estados Unidos esteve inicialmente ligado com questões raciais; com base no personagem central de William Joseph Seymour negro filho de um ex- escravo que aprendeu a ler e escrever sozinho e que frequentava a escola Bíblica de Charles Fox Parham. No Kansas, este pregava sobre o “batismo com o Espírito Santo” era branco e simpatizante de Ku Klux Klan, Parham excluiu Seymour de suas aulas e apenas permitiu que ele assistisse do lado de fora no corredor, com a porta entre aberta.

De acordo com Mota (2013) Seymour alugou um templo metodista na rua Azusa, o que colaborou para o que estava acontecendo em Chicago. Ele possuía facilidade em falar e entender os negros, e evangelizar os brancos. Os habitantes do Norte do Estados unidos observavam com desconfiança e preconceito o evento do Sul. A imprensa qualificou como africanização da cultura Americana, pela quantidade de negros na mídia e na religião.

Segundo D’Avila (2006) Vingren estava adentrando no movimento pentecostal iniciado em 1901 por Charles Fox Parham na Escola Bíblica de Topeka, Kansas. O jovem pastor fora contagiado pelas ideias de William H. Durham, pastor da igreja batista em Chicago. Após retornar da conferência de Chicago, Vingren começou a ensinar que Jesus batizava com o Espírito Santo e devido a isso foi expulso ao dividir igreja Batista de Monominiee.

E após Vingren concluir o seminário teológico sueco Batista, nos EUA, ele assumiu o pastorado da primeira igreja Batista de Memoriniee, Michigan, onde permaneceu de junho de 1909 até 1910, época em que convenção decidiu que o enviaria para Índia com sua

noiva, porém uma semana de reflexão decidiu não fazer a viagem e permanecer nos Estados Unidos. Vingren buscava novas experiências religiosas e foi na conferência onde conheceu Daniel Berg “com o firme propósito de buscar o batismo com o Espírito Santo.

Durante uma reunião de oração na casa de membros da igreja em South Bend, Adolf fez predições sobre o trabalho onde Vingren deveria ir para o Pará. Porém, ele não conhecia nenhuma cidade com esse nome. Ocorre que no dia seguinte Adolfo o convidou para ir a uma biblioteca para saber se existiria algum lugar chamado Pará, e soube que Pará está localizado no norte do Brasil. Vingren e Berg partiram de nova York, rumo ao Brasil, em 05 de novembro de 1910, e chegaram dia 19 do mesmo mês, sem nenhuma recepção. Logo que chegaram, procuraram por uma igreja onde pudessem prestar alguma ajuda.

2.2. O Pentecostalismo no Brasil

A igreja Assembleia de Deus no Brasil é resultado do empreendimento inicial de dois suecos residentes no Estados Unidos que chegaram no Brasil no ano de 1910. Gunnar Vingren (1789) conheceu Daniel Berg (1884-1963) na cidade de Chicago em 1909, durante uma conferência na primeira igreja Batista sueca e começaram a compartilhar ideias missionárias. Derivado de desejo comum dos dois suecos, decidiram então viajar para o Brasil (D´AVILA, 2006, p.31).

Chegando no Brasil eles iniciaram um processo de reconhecimento procurando um local para morarem, e foram ajudados pelo pastor Justus Nelson, que apresentou ao pastor Raimundo Nobre, que os hospedou nas dependências da igreja e começaram o processo de evangelização em várias localidades. Conforme Mota (2013, p.38), o pentecostalismo Assembleiano que nasceu em 1911 e se desenvolveu na segunda metade do século XX, período histórico em que denominação se expandiu como maior igreja do país, está focada na teologia

clássica do final do século XIX, pré - milenarista, que tem como obrigação de todo cristão em “ganhar almas”.

Segundo D’Ávila (2006), Vingren foi convidado pelo pastor da igreja Batista do Pará para dirigir cultos de oração em sua casa. O foco da liturgia continuava sendo o batismo com o Espírito Santo, na casa de Celina de Albuquerque, onde as celebrações transcorriam com frequência de membros da igreja do Pará. Ocorre que no dia 13 de junho de 1911 um evangelista que não concordava com a nova doutrina convocou um culto e falou que os que tivessem de acordo com a nova Ceita que se levantem, ao que responderam 18 indivíduos que foram imediatamente cortados da comunhão da igreja, incluindo o próprio Vingren. Apesar disso, ainda conforme Mota (2013), mesmo após serem expulsos da igreja Batista os pastores continuaram a “assediar” os fies que resolveram permanecer na igreja e ainda conseguiram arrebanhar mais dez membros, e com isso muitos viram com desconfiança esse novo movimento.

Segundo Silva (2006) após a exclusão, o pequeno grupo convidou os missionários, Gunnar Vingren e Daniel Berg, para dar-lhes a necessária orientação espiritual naquele momento decisivo de suas vidas, passando a reunir-se em um salão na rua Siqueira Mendes, residência de Celina de Albuquerque. Foi assim que no dia 18 de julho de 1911 foi fundada a Missão de Fé apostólica, posteriormente denominada Assembleia de Deus.

2.3. Pentecostalismo São Luís no Maranhão

Conforme Mota (2013), o processo de expansão da Assembleia de Deus iniciou primeiramente na região Norte, e na região Nordeste com início no Ceará em 1914, e em Alagoas em 1915, Pernambuco e Amapá 1916, Maranhão em 1922. Essas são uma das características que distinguem como única igreja evangélica a iniciar seus trabalhos pelo

região Norte e Nordeste, avançando para o Sul somente após se consolidar nessas regiões. Era uma igreja em que apenas líderes Norte-americanos estavam a frente, liderando, mas que em 1950 um pastor Brasileiro passou a dirigir Assembleia de Deus em Belém do Pará

A Assembleia foi fundada oficialmente no Maranhão, em sua capital São Luís, no dia 15 de janeiro de 1922. Fundada por Clímaco Bueno Aza, que escolheu o centro da cidade e começou o trabalho evangelístico com uma intensa distribuição folhetos de casa em casa, onde também vendia livros e Bíblias. Durante uma das visitas que fazia nas casas para divulgar a mensagem pentecostal conheceu o Sr. Propécio Lázaro Lobato, capitão de polícia que, interessado na novidade, o recebeu e acolheu prontamente em sua residência. Já Mariano (2010) afirma que a mesma foi fundada em 1921, por Clímaco Bueno Asa, colombiano que se converteu em Belém e dirigia a igreja em São Luís, tendo sido, substituído no ano seguinte. Os outros principais líderes da igreja na capital foram Nels. J. Nelson e Estevam Ângelo de Sousa.

Nesse período, de acordo com o pastor Boaventura, os pastores apenas entregavam folhetos e distribuía bíblias por que tinham muitas dificuldades quanto ao processo de evangelização. Por essa razão:

Em quase todos os lugares a evangelização teve início com a distribuição de folhetos, por que inicialmente não aceitavam cultos em São Luís, mas Deus abriu uma grande porta na rua sete de setembro, aumentou o número dos salvos, e, no dia 15 de janeiro de 1922, o pastor missionário Clímaco Bueno Asa fundou a Assembleia de Deus em São Luís com a família Lobato e outras pessoas (SOUSA, 2016, p.33).

Já segundo Silva (2012), o primeiro culto celebrado no Maranhão foi na casa de número 149 na rua sete de setembro, casa do Propécio Lobato, os quais teriam sido os primeiros a abraçarem esse movimento aqui no Maranhão.

A evangelização iniciada pela Assembleia de Deus no Maranhão começou em 1921, com a pregação do pastor Clímaco Bueno Aza. Mas a fundação teve lugar em 15 de janeiro de 1922 e hoje somos, mas de milhões de pentecostais no Maranhão (SOUSA,2016, p.201). O pastor Bueno Aza ficou poucos meses dirigindo a igreja, e, ainda em 1922, passou a

liderança ao pastor Manoel da Penha, considerado oficialmente o primeiro pastor da igreja Assembleia de Deus em São Luís (IADESL) (MOTA, 2013, p.53).

Segundo afirma Silva (2006), após Manoel Ribeiro falecer no ano 1927, Nels H. Nelson, missionário do Campo, assumiu a liderança da igreja em São Luís, por tempo provisório, logo passando a administração para Manoel Cesar. Nels Nelson iria assumir a igreja em São Luís outra vez em 1939, dado a morte do pastor José Bezerra Cavalcante, pastor Manoel esteve à frente da igreja em São Luís até o ano de 1932.

De acordo com Mota (2013), a Assembleia de Deus chegou no Maranhão incorporando novas práticas, já que tinha outras denominações evangélicas como, presbiterianos, batistas, e outras denominações, A Assembleia de Deus tinha cultos mais alegres, com ruídos crescentes de vozes, o que causava impacto e curiosidade.

Conforme o pastor Boaventura a convenção da Assembleia de Deus no Maranhão foi organizada em 1934, o que deixa claro que até então todas as congregações do interior do Maranhão eram filiadas à Assembleia de Deus em São Luís e visitadas pelos pastores da Capital, que era filiada à convenção do Pará. Porém, em 1934 foi organizada a Convenção Estadual das Assembleias de Deus do Estado do Maranhão (CEADEMA). As informações sobre a fundação da Assembleia de Deus, antes de 1934, desapareceram na narrativa de Emilio Conde, a conclusão foi que não houve fundação de uma Assembleia de Deus no Maranhão por que só foi dada a fundação de uma AD a partir do momento em que o pastor residisse no lugar (SOUSA, 2016. p.30)

Interessada por analisar a trajetória do pastor que por mais tempo esteve sobre a liderança da Assembleia de Deus no Maranhão, Elba Mota apresenta uma cronologia da história da assembleia de deus no Maranhão que vale à pena destacar:

- O período de 1921 a 1940, que corresponde à fase do missionário norte americano Nels. H. Nelson e que se caracteriza pela implantação do pentecostalismo na capital e no interior;

- Do período de 1941 a 1957, sucedeu-se a fase do pastor Alcebíades Pereira Vasconcelos com ampliação e estruturação, centralizando o pentecostalismo assembleiano na capital do estado.
- E por fim, no período de 1957 a 1996, a fase do pastor Estevam Ângelo de Souza, quando as Assembleias de Deus cresceram, tornando-se a maior denominação protestante do Estado.

É válido acrescentar que no período de 1940 a 1957, dez pastores ocuparam o cargo de presidente no Maranhão. O que se tratando de assembleia de Deus é um número distante, pois os líderes dessa denominação caracterizam-se pela permanência por longos anos no exercício do cargo (MOTA, 2013, p.60).

Seja como for, o fato é que, conforme Almeida (2017), o Pentecostalismo no Brasil e no Maranhão não foge à regra da expansão inicial por meio de missionários estrangeiros, seguido pelo recrutamento de adeptos locais para assumirem o papel de missionários. Em São Luís e nos lugares longínquos do Estado, a Assembleia de Deus foi difundida por conta das atuações evangelísticas de missionários que encontram principalmente no interior Maranhense, notadamente em regiões marcadas por forte fluxo migratório⁴ e entre segmentos sociais empobrecidos, um ambiente favorável para divulgar sua mensagem, conforme destaca Almeida (2017):

No interior do Maranhão, o público alvo da Assembleia de Deus, era composto por principalmente por imigrantes lavradores, camponeses, quebradeiras de coco babaçu, homens e mulheres que constituíram família muito jovem, cuja maioria era predominantemente analfabeta e negra. Pessoas que não recebem nenhum tipo de assistência das políticas públicas e do governo encontram um meio de avaliar o exaustivo cargo cotidiano a qual estão submetidos (ALMEIDA, 2017, p.27)

⁴ A expansão da assembleia de Deus foi marcada pelo processo migratório posterior ao declínio da produção da borracha na região amazônica. O que configurou o retorno de nordestinos a sua terra natal, e, principalmente, de um grande contingente de migrantes Assembleiano. (MOTA, 2013, p.52)

2.4. Implementação do Pentecostalismo em Bacabal.

O pentecostalismo bacabalense não é diferente da realidade do Maranhão, onde através da análise de cartas de mudanças, na maioria manuscritas, facilmente percebemos que os pastores enfrentavam dificuldades devido ao baixo grau de escolaridade. Nelas identificamos uma grafia rudimentar que comprova o mínimo de aprendizagem possível entre os primeiros convertidos ao pentecostalismo em Bacabal (ALMEIDA,2017, p.27)

A cidade de Bacabal está localizada no meio Mearim, região central do estado, e recebe esse nome devido grande quantidade de bacaba que já existiu na cidade, é uma cidade banhada pelo rio Mearim. No ano de 1932 chegou a Bacabal, procedentes de Engenho Central, atualmente Pindaré Mirim, a irmã Ana Pereira e suas filhas Rosa, Gertrudes e Onesinda Lima, as pioneiras do trabalho do Senhor em Bacabal, no mesmo ano chegou o irmão João Gregório que se uniu as irmãs pentecostais (ALENCAR,1997, p.8)

Gertrudes Pereira chegou em Bacabal em 1932, com sua família, e exercia no período a função de professora. Tinha 32 anos e mesmo com seu cônjuge não crente, cultivava com zelo as virtudes do cristianismo. Com ela veio também sua mãe, Ana Pereira do Nascimento, com mais de 60 anos, que vivia sob a custódia de suas irmãs mais jovens: Rosa, Onesinda (conhecida também por moreninha) e seu irmão Evaristo, que não era crente. A residência da família localizava-se no bairro Juçaral, onde funcionava um importante núcleo comercial de Bacabal, porém, distante do centro.

Segundo Silva (2012), o núcleo primário foi formado por mulheres, como Ana Pereira e suas filhas e irmã Gertrudes Gama. Foi nessa residência que se instalou a primeira congregação evangélica Assembleiana de Bacabal, contando com a assistência de suas filhas, das irmãs e de sua mãe, tornando-se as pioneiras da AD em Bacabal. A respeito dessa experiência, assim relata o Pastor Francisco Assis Gomes (1985, p. 34):

Em Bacabal ante de transportar mina família de Vertente o que só aconteceu no mês de dezembro de 1937, me hospedei com a nobre família composta de três ilustres membros; Ana Pereira, viúva e suas duas filas solteiras, Rosa de lima pereira e Onesinda pereira (moreninha) (GOMES,1985, p.34)

Os cultos domésticos foram fatores determinantes para o desenvolvimento do trabalho evangelísticos na cidade de Bacabal onde se convidavam os vizinhos e amigos e pessoas não crentes para ouvir o evangelho nas casas em pequenas reuniões. Conforme Silva (2006, p.51), Gertrudes Gama tem marca deixada não só na história da Assembleia de Deus e no pentecostalismo em Bacabal, como também na história da Educação bacabalense.

No mesmo ano também chegava da cidade de Rosário o irmão João Gregório, um crente batista que logo foi batizado e uniu-se às irmãs pentecostais. Os recém-chegados a Bacabal eram visitados pelo pastor da Assembleia de Deus em Vertente - MA e em uma visita do evangelista João Jonas, foi consagrado a presbítero o irmão João Gregório que, impedido por uma enfermidade, não exerceu a função, sendo substituído pelo irmão Vicente Rodrigues.

Segundo Alencar (1997), no mês de julho de 1937 chegava a Bacabal o presbítero Francisco Assis Gomes que rapidamente engajou-se no trabalho de evangelização em bacabal e em povoados vizinhos. O irmão Firmo Vieira vindo do povoado Outeiro, e suas irmãs Eduvirgem e Gertrudes Vieira pregavam compuseram então uma congregação que serviu de apoio e centro logístico ao pastor Francisco Assis Gomes. O primeiro batismo ocorreu no dia 03 de julho de 1938, onde se tornaram membros os irmãos Manoel Boaventura Correia, Aldenora Correia, Luiza Oliveira, Euzébio Tavares, Raimunda Tavares, Raimunda viveiros Experediana, Viana (ALENCAR,1997, p.9).

Nesses marcos temporais, conforme Alencar (1997) “o pastor Assis Gomes viu a necessidade de construir um novo templo, para abrigar os seus servos, e construiu o um templo cuja inauguração ocorreu dia 13 de setembro de 1940 foi o primeiro templo da Assembleia de Deus em Bacabal”. Desde então, na história do pentecostalismo em Bacabal houveram os seguintes pastores: Francisco Assis Gomes (1937), Raimundo Silva (1943-1945), Manoel Aves

Ribeiro (1945-1948), Hilário Pereira da Silva (1948-1952), Jose Pio Paz (1952-1956), Antônio Alves Prado (1956-1960), Raimundo Pereira de Mesquita (1960-1961), Manoel Aves Ribeiro (1961-1963) e Boaventura Pereira Sousa (1963-1996).

Ainda conforme Alencar (1997), sendo o nono pastor da Assembleia de Deus em Bacabal, no dia 30 de agosto de 1963, o Pr. Boaventura assumiu a direção da Igreja cuja percepção administrativa estruturou as bases da instituição na atualidade, ao começar pelo desmembramento do campo de atuação em outras áreas de trabalho evangelístico, ao criar os campos de São Luís Gonzaga, Bom Lugar, Lago Verde, Cordeiro e Bela Vista. (ALENCAR, 1997, p.21). Ao longo desse período, desenvolveu diversos trabalhos importantes de caráter social através do Instituto Benemérito Evangélico. Foi jubilado em 1996, porém, pouco antes de falecer publicou a autobiografia cuja estrutura será descrita no capítulo a seguir.

3. TRAJETÓRIA DO PASTOR BOAVENTURA PEREIRA SOUSA: vida e ministério pastoral

O objetivo deste capítulo é apresentar a relato autobiográfico do Pastor Boaventura (2016), reconhecido como importante liderança para expansão do pentecostalismo maranhense, especialmente no município de Bacabal. Trata-se de um sujeito que ocupou o cargo dirigente da Assembleia de Deus durante nada menos que 33 anos e cuja história pessoal se confunde com a própria história da instituição em pauta. No que segue, procurarei explorar a maneira como o autor apresenta as diferentes etapas de sua vida organizadas em diferentes momentos: infância, genealogia, conversão, suas relações políticas e sociais, sua jubilação, estratégias de evangelização, as dificuldades do seu ministério, as perseguições e os predicados para se tornar pastor.

3.1. Família, infância, conversão e batismo

Pastor Boaventura começa sua autobiografia fazendo agradecimentos a sua família em especial sua atual esposa Severina de Jesus Ribeiro, que insistiu para que ele escrevesse sua biografia, na qual ele alegava algumas dificuldades como afirma em sua autobiografia:

De início pus objeções alegando minha falta de memorização, mas, pela insistência dela resolvi, escrever a presente obra. Depois de muita insistência da minha família e várias pessoas, inclusive alguns pastores, pediram-me que eu incluir neste trabalho. Algumas notícias dos pioneiros do movimento pentecostal maranhense. Este é um dos principais motivos desta obra. (SOUSA, 2016, p.3).

De início alegou falta de memória, e idade avançada mas conseguiu escrever, e no início da década de 2000, pastores e familiares pediram para que escrevesse sua biografia, ao julgar que havia terminado, pediram que acrescentasse, mas informações de âmbito Nacional,

diante dos pedidos e achar que seria interessante para as novas gerações de pastores, resolveu mudar o título de Autobiografia do pastor Boaventura Pereira Sousa, para Autobiografia e Eventos que a História não Divulgou.

O pastor Raifran Batista, vice-presidente da Conversão Estadual das Assembleias de Deus do Maranhão (CEADEMA) Parabenizou o pastor Boaventura pela sua autobiografia e por ter participado da preparação, e fala que ler uma história por alguém que apenas ouviu falar de determinado evento é uma coisa, porém ler de alguém que viveu, participou dela, é totalmente diferente ler uma história narrada e escrita por um de seus personagens, eis a razão de ser uma obra fascinante e autêntica!

Boaventura Pereira Sousa ao descrever sobre a árvore Genealógica de sua família traz relatos que ouviu de seu pai e tio Teotônio José de Sousa, na qual considera verídica de acordo com as fontes descritas, sua história começa assim:

Eu, Boaventura Pereira Sousa, sou filho de José Romão de Sousa e Maria Alves Pereira Sousa, e conforme documentos insuspeitos, nasci em 14 de julho de 1926, na cidade de Araióses, Estado do Maranhão. Meus avós paternos foram: Vicente Jose de Sousa e Maria Benvinda de Sousa, ambos naturais de Lisboa-Portugal. Enquanto que, meus avós maternos foram: Manuel Luís Alves Pereira e Maria Francisca Alves Pereira, ambos naturais de Lisboa Portugal. (SOUSA, 2016, p.16).

De acordo com informações de seu pai e tio, seus avós paternos e maternos vieram de Portugal em fevereiro de 1877 deixaram Lisboa e fixaram residência em Acaraú, estado do Ceará, sendo que em fevereiro de 1895 deixaram o Ceará vieram ao Maranhão para ir morar em Peritoró, Município de Coroatá- MA. Seu pai José Romão de Sousa, nasceu em Peritoró no dia 29 de fevereiro de 1895, e seus avós maternos deixaram o Ceará e foram para Piracuruca no estado do Piauí e em 26 de março de 1985 nasceu sua mãe Maria Alves Pereira.

Conforme afirmou seu pai em 20 de março de 1919 casou-se com Maria Alves Pereira com a qual teve 13 filhos, ficando viúvo em 1934, e forçado pela circunstância casou no mesmo ano, com Corina Alves de Oliveira cujo relacionamento ainda teve mais 8 filhos, quando tinha três anos de idade sua família voltou a viver no Piauí, e quando sua mãe faleceu ele tinha apenas 8 anos de idade.

Seus pais conforme seus relatos eram católicos praticante de tal maneira que os mesmos ajudavam os padres na celebração da missa e em outros atos litúrgicos por esse motivo em sua casa tinha um local reservado para hospedagem de padres e seus acompanhantes. Seus pais ainda católicos liam várias versões da Bíblia diariamente e explicava o texto lido aos filhos, e explicava o texto lido ao seu modo de compreensão.

Como afirma Boaventura Pereira Sousa a conversão de sua família se deu da seguinte forma:

A conversão de sua família não dependeu de nenhuma motivação protestante, mas de acelerados estudos em diversas versões bíblicas. Quando meu pai tomou a decisão de aceitar a Cristo, não tinha se comunicado com nenhum protestante, mas foi, exclusivamente, comparando a Bíblia da sociedade bíblica, com Bíblias de versões católicas.

Contudo meu pai não teria permanecido na Assembleia de Deus, se não tivesse tido a assistência do pastor e de alguns membros da igreja. A firmeza de meus pais na igreja católica era tão grande que quando os irmãos receberam o convite para dirigir o culto na casa de meu pai, alguns temeram, suspeitando ser astúcia de meu pai.

Outra demonstração de que minha mãe era muito católica, se deu quando ela assistiu ao primeiro culto, tapou os ouvidos com algodão para não ouvir a mensagem protestante. Mas quanto mais forçava o algodão nos ouvidos, tanto mais ouvia a palavra de Deus. Então ela resolveu jogar fora o algodão e ouvir a palavra de Deus. Enquanto minha mãe agia assim, meu pai colhia as palavras do pregador, comparando, a leitura bíblica com a Bíblia católica, no término do culto, meu pai e toda família aceitaram a salvação em Cristo. (SOUSA,2016, p.103)

Toda a família se converteu no dia 04 de janeiro de 1944 todos aceitaram a Jesus conforme sua Autobiografia, só que quando seus pais aceitaram a salvação, porém ele e Estevam estavam distantes de Magalhães de Almeida.

Boaventura afirma que Estevam e ele estavam trabalhando em Santa Catarina, de onde souberam que seus pais eram protestantes, ficaram admiradíssimo pois a conversão de sua família fez com que muitos despertassem a tomar a mesma decisão, contudo aproximou a semana santa e acompanharam o comportamento da família, do começo ao fim da semana da páscoa ,muitas coisa que faziam no período e outras épocas agora já não faziam mais, então perceberam uma grande diferença no comportamento da família e ficaram observando, e durante este período receberam várias visitas de crentes diariamente ,e perguntou a seu pai o motivo de tantas visitas e ele respondeu é porque eles nos amam, e querem conhecer vocês, querem nossa permanência no evangelho.

Conforme Almeida (2017, p.38) “após a conversão dos pais, hoje considerada um milagre pelo pastor, já que tinham aversão ao protestantismo”

Em sua autobiografia ele afirma que se converteu após observar o comportamento de sua família e ver a forma como os membros cuidavam dos novos convertidos, aquela forma como seus pais eram tratados chamou atenção e serviu de base para diferenciar a igreja católica da protestante, no dia 09 de abril de 1944 ocorreu sua conversão quando tinha 17 anos de idade, na assembleia de Deus em Magalhães de Almeida, simultaneamente seu irmão pastor Estevam Ângelo de Sousa também se converteu.

Conforme Boaventura em sua Autobiografia, sua conversão se deu após explicações bíblicas de seu pai:

Meu pai continuou explicando a bíblia: “um dos motivos por que hoje eu sou crente, é por que no evangelho de são João 20.27, Jesus mandou Tomé ser crente e não incrédulo”. Depois desse esclarecimento chegamos à conclusão que meus pais estavam certos, e em 09 de abril de 1944 eu e Estevam, aceitamos a salvação em Cristo. A data 09 de abril nos é memorável. (SOUSA,2016, p.105)

De acordo com Boaventura após ele e Estevam terem se convertido Deus teria completado a salvação de sua família Sousa, mas há uma controversa quanto a conversão de

Estevam de acordo com segundo Mota (2013) se deu de outra forma, foi Através de sua preocupação principalmente com a alma da mãe, pois não possuía condições de pagar a missa, sendo assim, o jovem Estevam começou a estudar os “ofícios” da igreja católica em busca de uma saída, não encontrando nenhuma e começando assim, seu desencantamento com a religião. Nesta conjuntura, ao assistir a um culto no interior do Maranhão, se converteu ao protestantismo. Isso aconteceu no dia 9 de abril de 1944, com então vinte anos de vida, e seu encontro com Cristo, na cidade de Magalhães de Almeida, no Maranhão. (MOTA,2013, p.77).

Boaventura Sousa, afirma que sua conversão aconteceu após ouvir ensinamentos bíblicos de seu pai e por ver mudanças no comportamento de sua família. Mas segundo MOTA, (2013, p.79). “Seu pai e três irmãos teriam aderido ao protestantismo, sendo seu próprio pai ordenado pastor anos mais tarde”.

Em entrevista ao jornal CEADEMA em foco o pastor relata como recebeu o batismo com o espírito Santo e nas águas da seguinte forma;

Com três meses de convertidos recebemos o batismo com o Espírito Santo, nossa carreira foi interrompida por um período de dois anos, porquanto fomos acometidos de uma enfermidade que nos abateu muito: O impaludismo (malária). Chegamos a pensar que seria o nosso fim. Certa feita, Deus enviou o saudoso pastor Alcebíades Pereira de Vasconcellos, que na época era pastoreava a Assembleia de Deus em Parnaíba (Magalhães de Almeida era campo de Parnaíba). Este esteve em nossa casa, e orou por nós. Mas Deus curou apenas o Estevam, que se levantou e logo acompanhou o pastor Alcebíades em uma viagem evangelística que durou seis meses. Enquanto isso, eu continuei enfermo. (CF,2006, p.06)

Como afirma pastor Boaventura ele passou um tempo sem poder frequentar as reuniões da igreja pois estava acometido de malária, e as crises impediam que ele se candidatar-se ao batismo, então ele orou, e Deus lhe deu condições para que pudesse se batizar no dia 09 de outubro de 1945, foi batizado pelo pastor Jose Candido, a partir daquele dia sua saúde começou a melhorar, pode participar das reuniões e passou a auxiliar o pastor.

Ele afirma que seu ministério começou em Magalhães de Almeida quando auxiliava o pastor José Candido visitando as congregações, nessa época já sentia um amor enorme pelos pecadores que chegava às vezes a não dormir só imaginando um pecador morrer sem ouvir o evangelho, nessa época Deus já falava com ele, mas ainda não entendia.

3.2. Providência de Deus sua esposa Inácia

De acordo com pastor Boaventura Deus fala através dos pastores e dos pais, pois o pastor José Cândido lhe aconselhou dizendo para pedir permissão ao seu pai para casar, porque Deus iria lhe mandar para um lugar longe. Pouco dias depois uma moça queria casasse com ele, ficou em silêncio, mas sua mãe soube e comunicou a seu pai, que não aprovou a moça, tempo depois soube que ela havia casado mas viveu pouco tempo com o esposo, e abandonou-o por outro, depois deixou o segundo e fugiu com um terceiro, depois juntou-se novamente com o marido e com um tempo depois fugiu com um outro homem. Então ele chegou à conclusão que se tivesse desobedecido seu pai teria caído numa “cilada”, mas que Deus o livrou através da orientação de seu pai. Tempo depois ele conheceu Inácia uma boa moça, e seus pais deram aprovação ao relacionamento, então casou com ela, que além de esposa, foi uma companheira na evangelização desde 1947 a 1993 quando faleceu, contudo, ele fala que Deus não o abandonou, pois, dois anos depois conheceu sua segunda esposa e casou em 30 de março de 1996.

No decorrer de sua narrativa ele vai dando significados acontecimentos em sua vida que conforme seus relatos seriam providências de Deus e provações na qual ele conseguia vencer, na época em que estava em Magalhães de Almeida evangelizando juntamente com sua esposa, pode perceber que as revelações se desenvolviam progressivamente como relata:

Meu segundo casamento foi precedido de um aviso antecipado de minha primeira esposa. Foi também naquele tempo que vi o cumprimento das predições do pastor Jose Candido quando disse: “Deus te levará lugares distantes e tu evangelizaras muitos municípios”. Também me lembrei do que

predisse o pastor o pastor José Cândido quando disse: “Assembleia de Deus em Magalhães de Almeida crescerá grandemente durante pouco tempo, e declinará inesperadamente”. (SOUSA,2016, p.145)

Então todas as predições se cumpriram repentinamente, diante destes fatos acontecidos Boaventura afirma que Deus fala através dos pastores e também dos pais. E relata que as manifestações da graça de Deus em décadas anteriores eram muito diferentes da de hoje, pois em todas as pregações falavam da vinda de cristo e do juízo final, ou dos dons espirituais.

3.3. Ministério, e predicados para se tornar pastor

Diante da necessidade de um pastor em um povoado o pastor José Cândido convocou seus auxiliares para uma reunião, na qual falaram que num povoado tinha uma congregação que por falta de doutrina estava dividida e que precisava de um pastor, então o pastor José Cândido apresentou o caso aos auxiliares, e disse que queria uma indicação, todos foram unanimes em indicar o nome de Boaventura como sendo candidato a pastor da nova congregação. Então diante desse fato ele lembra da visão que Deus tinha lhe dado e cumprindo o que está escrito no livro de Amós 3;7 que diz: “O senhor não faz nada sem primeiro revelar a seus servos”.

Após ser indicado Boaventura viajaria para o povoado indicado no dia 25 de maio de 1947, então viajou durante cinco dias e chegaram dia 30 chegaram na repartição de embarque da cidade de Brejo. E viajaram no dia 31 para Redenção e chegando no dia 1 de junho de 1947, viajou quilômetros, passando por lamaçais, sofreu muito na viagem e não podiam comprar nada para comer porque as pessoas não vendiam nada a desconhecidos. Uma das dificuldades em que ele enfrentou foi a chuva por 18 horas e o pastor Jose Cândido adoeceu no caminho e Boaventura teve que carregá-lo nos ombros, mas mesmo assim Deus ajudou e ele melhorou.

Em Redenção foram hospedados pela família Garreto que medicou o pastou José Cândido, e ele melhorou, e os dois dias que passaram em Redenção foram exaustivos.

Conforme programação do pastor José Cândido a posse do pastor Boaventura seria dia 2 de junho, porém como viajaram sobe forte chuva a sua roupa molhou, e ele foi ao culto sem está devidamente uniformizado.

Então o pastor José Cândido era profundo conhecedor da doutrina das Assembleias de Deus, usou o terno mesmo molhado, como Boaventura era novo obreiro ainda não conhecia as principais doutrinas, foi ao culto sem esta uniformizado, no decorrer do culto o pastor não comentou nada com o Boaventura, depois que terminou os hinos devocionais leu Êxodo 28.4-29, no texto bíblico que fala do momento em que Deus fala com Moisés como seria as vestes sacerdotais, e daqueles que fossem administrar o Ofício Sacerdotal, e depois concluiu dizendo: Boaventura não será empossado hoje só daqui 15 dias para honrar a igreja que representa, e reverenciar o nome de Deus.

Diante deste momento Boaventura fala que a lição que aprendemos na dificuldade nunca esquecemos pois ele lembra desse fato como se fosse hoje, e afirma que foi a maior e única decepção que sofreu em sua vida ministerial, pois todos sabiam que ele seria empossado naquele dia, e não assumiu por irreverência dele, então decidiu que nunca mais subiria a um púlpito para dirigir trabalho sem as devidas vestes então naquele teste ele foi reprovado. Este seria o teste em que o pastor teria aplicado a ele, e não passou de primeira, mas seu pastor lhe deu uma nova oportunidade.

Nos relatos do pastor Boaventura quando iniciou o ministerial em Magalhães de Almeida, havia apenas 5 templos e não havia casa pastoral, morou em uma casa que durante o inverno era uma poça de água, permaneceu nela por pouco tempo até construírem a casa pastoral. Por que até então a igreja não possuía templo os trabalhos funcionavam na casa da irmã Marcelina.

Segundo Boaventura ele começou sua vida ministerial quando a conveniência em ser pastor era apenas “ganhar almas”. E havia poucos obreiros, diferente de hoje em que há muitos obreiros, onde ser pastor há muitas conveniências e ser pastor hoje em dia é considerado como “profissão” lucrativa, e não há perseguições como na época em que ele começou,

Em sua autobiografia ele afirma como começou sua vida ministerial da seguinte forma:

Iniciei a vida ministerial auxiliando como professor na escola bíblica dominical, e visitando congregações em diferentes lugares. Obtendo experiências através do comportamento do pastor José Cândido e do pastor Joao Manoel.eu gostava de viajar com eles, porque tinham experiências, visão da obra de Deus e transmitiam aos seus auxiliares (SOUSA,2016, p.151)

Conforme pr. Boaventura hoje em dia há muitos auxiliarem querem se tornar pastores, mas muitos não têm a chamada de Deus, em décadas anteriores não era dessa forma, por que ser pastor era se expor a críticas, e discriminações, antes obreiros eram indicados pelos seus predicados, e poucos queria assumir a função de pastor porque não aceitavam as condições que eram impostas: “Antes pastores trabalhavam para manter sua família, hoje as igrejas mantêm seus pastores em tudo que necessitam. Antes os pastores não podiam comprar nem um jumento para viajar, hoje os pastores têm transporte porque as igrejas dão condição”. (SOUSA,2016, p.162).

Ele afirma que conforme os princípios das Assembleias de Deus para um auxiliar ser autorizado a pastor eram necessários, bom testemunho na igreja e na sociedade, coragem para enfrentar os inimigos do evangelho e prudência para suportar irregularidades de muitos crentes, hoje em dia algumas convenções autorizam até pessoas que tem apenas certificado de teologia, só para perturbar a boa ordem do pastor. (SOUSA,2016, p.163).

A Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Estado do Maranhão (CEADEMA) mantêm os princípios pentecostais e não aceitam pessoas que não tenha predicados para exercer esse ministério, no começo da assembleia de Deus segundo pastor Boaventura, as assembleias de Deus no Maranhão, a única conveniência em ser pastor, era

“ganhar almas” pois pastores tinham que carregar as aflições de Cristo, e sofrer pela obra de Deus e os candidatos ao ministério deveria saber que não receberia ajuda financeira da igreja e tinha que trabalhar para sustentar sua família e ainda comprar querosene que na época ainda não tinha energia elétrica. Tinha obrigação de evangelizar uma grande área e tinha obrigação de visitar os novos convertidos que morasse em qualquer distância da igreja, e ainda se comprometia que quando não estivesse evangelizando fazia cultos na sede ou nas congregações, tudo isso monitorados por pastores, diante disso poucos ingressavam no ministério.

Então o candidato teria que apresentar um atestado de boa conduta assinado por duas testemunhas de vida moral reconhecida, o candidato deveria abrir trabalhos na cidade ou povoados. Outro teste o pastor mandava o candidato comunicar com um desviado para convencê-lo a reconciliasse com a igreja, ou dirigir culto numa localidade onde ninguém entrava como pregador do evangelho.

Conforme Boaventura Sousa, no Norte e Nordeste até a década de 70 não existiam curso de teologia nessas regiões por isso eram apenas exigidos que a única conveniência para ser pastor era ganhar almas, até década de 70 nenhum pastor nordestino tinha curso de teologia. (SOUSA,2016, p.163).

Conforme as exigências para se tornar pastor, Boaventura atendendo essas exigências se comunicou com proprietários e com representantes de grupos, e evangelizou onde ninguém em povoados onde ninguém entrava como pregador e nem como profissional.

3.4. As Dificuldades e Estratégias de evangelização

Em relatos do pastor Boaventura os pastores hoje em dia são convidados em momentos festivos são bem recebidos com aplausos, com banquetes, mas com os pioneiros não eram assim, eram recebidos com ovos podres, frases pejorativas, eles não tinham conforto e moravam

em casas alugadas, e viajavam para dezenas de municípios para visitar alguns novos convertidos.

Em sua autobiografia Boaventura apresenta algumas dificuldades enfrentadas por ele durante seu ministério como em Coroatá:

Eu efetuei batismo em Coroatá, em que água era tão imunda, que depois, precisava passar álcool no corpo para tiraras sanguessugas que aderiam ao corpo das pessoas que entravam na água. Este e outros fatores causavam a dificuldades a obra na década de 40, e não eram apenas essas; havia pior. (SOUSA,2016, p.191).

Em alguns lugares pessoas de má conduta perturbavam o batismo, pois mergulhavam e puxavam os pés das mulheres durante o batismo. Por esse motivo em Bacabal ele mandou fazer um tanque batismal dentro do templo da Assembleia de Deus, que segundo ele foi informado foi um dos primeiros tanques a ser construído dentro do templo no estado do Maranhão.

Outro problema que os pioneiros enfrentaram que Boaventura também enfrentou foi que, para visitar novos crentes, viajava centenas de quilômetros a pé, porque não podiam comprar um jumento. Quem tinha um jumento tinha um transporte de luxo, não comprova por que se não os crentes que escandalizavam. Ele descreve uma das dificuldades enfrentadas por ele:

Em certa ocasião, viajei em uma área onde não vendiam alimento e nem água para pastores. Eu viajava montado em uma bicicleta e estava com muita sede. Visto que água daquela região era encontrada em poços, dentro dos quintais, tangi alguns porcos de um lamaçal, usei a camisa como filtro e bebi água quase lama! (SOUSA, 2016, p.38)

Boaventura Sousa afirma que não foi pioneiro, mas que lutou com todas essas dificuldades foi vítima e seus filhos foram privados de estudar em escolas públicas, nem comprar leite podia, em consequência disso dos dez filhos apenas um, fez curso do ensino médio devido à má alimentação na infância.

De todas as profissões que exerceu em sua vida tanto para provimento de alimento quanto para evangelização ele afirma que de todas as áreas profissionais a que mais ganhava dinheiro até por brincadeira era a área de fotografia pois batia a foto de uma pessoa pé e entregava montada em um cavalo ou dentro de uma garrafa, apesar de ser fácil, poucas pessoas sabiam desses truques fotográficos, e era pouco exercido, porém muito lucrativo a profissão, mas utilizava mais dessa profissão para conseguir penetrar em lugares onde era difícil evangelizar.

Em sua Autobiografia pastor Boaventura fala de suas estratégias de evangelização utilizadas na década de 40 onde usava várias estratégias de diversas maneiras, como forma de conseguir evangelizar, diante das dificuldades de penetrar em muitos lugares por que o evangelho era desconhecido por grande parte das pessoas, que pensavam que os protestantes eram agentes do diabo e inimigo da sociedade, os pastores tinham que criar projetos que chamassem a atenção do proprietário da terra para poder conseguir ter acesso as pessoas do povoado.

Na década de 40 ao dirigir cultos poucas pessoas aproximavam, porque eram ensinadas a não se aproximarem e nem frequentar reuniões protestantes, hoje as igrejas usam som, mas na época era tudo a base da força do pulmão e muitas das vezes os pastores não tinham nem água para beber.

Muitas das vezes para evangelizar em determinadas lugares entravam-se através de uma profissão e dialogava com o proprietário, até conquistar sua simpatia e então evangelizava o povo. Boaventura afirma que teve facilidade pois, mesmo não sendo perito trabalhava em 14 áreas profissionais e atendia as exigências de alguns proprietários, a área profissional era muito exigida principalmente na nas décadas de 40 e 50, quando não surtia efeito essa estratégia então usava outra, que poderia ser distribuir um folheto, ou fazer palestra sobre santos não canonizados, mas se esta estratégia não funcionasse pedia-se para evangelizar através de

poesias e como cantador de viola, se não funcionasse pedia permissão para entregar mensagem para uma árvore, e através da mensagem dirigida muitos ouviam o evangelho.

De acordo com sua autobiografia Boaventura fala das estratégias que mais surtirão efeito em seu mistério:

As estratégias que surtiram efeitos mais positivos em minha vida ministerial foram como repentista, como cantador de viola ou contador de histórias de famílias que sofrem perturbações; tudo, porém, através de trovas. Mas de todas as estratégias, a que mais gostavam era as trovas, bem como a caixa falante e o cantador de viola. Em alguns lugares gostavam tanto desse tipo de estratégia que eu demorava alguns dias. (SOUSA, 2016, p.90).

Em sua autobiografia ele chegar a citar alguns repentes utilizados em sua evangelização, as pessoas gostavam de ouvir suas poesias e repentes, que atraia a atenção por serem de maioria analfabetos era mais fácil deles compreenderem na qual citarei um trecho do repente que diz o seguinte:

Meus senhores e minhas senhoras,
 Sei que as coisas não vão melhorar,
 Mas é certo que pioram,
 A quem a cristo não aceitar.
 Neste momento e nessa hora,
 Se não me falta a memória,
 Eu vou digo nesta hora,
 Aceitem a Jesus,
 Antes de vocês irem embora.
 Aceitei salvação,
 Através da redenção,
 Pois Deus oferece remissão,
 Que culminaria em teu perdão,
 Agora não digas não,
 Pra tomar sua decisão,
 Pois dela e somente dela,
 Depende sua salvação. (SOUSA,2016, p.91)

Ele usou várias estratégias só que em alguns lugares nem todas funcionavam, segundo ele Deus sempre o inspirava com estratégias apropriadas para cada ocasião, por muitas das vezes, Deus dava estratégias admiráveis, que as pessoas aproximavam as vezes por curiosidade, e assim escutavam atentamente a pregação do evangelho, principalmente quando ouviam dizer que uma caixa de 300 anos falava audivelmente. (SOUSA,2016, p.98).

Outro fator que surtia efeito na evangelização era a estratégia utilizada pelos pioneiros de homens para evangelizar homens e mulher para evangelizar mulheres, e cumprir o horário exato para iniciar e concluir as reuniões.

3.5. Quando assume liderança da AD Bacabal e Jubilação

Após transferência do pastor Manoel Alves Ribeiro, que voltou para o Pará. A Assembleia de deus em Bacabal teve liderança assumida pelo pastor Boaventura Pereira de Sousa que assume a liderança em 30 de agosto de 1963, foi o nono pastor a assumir a Assembleia de Deus em Bacabal com quase 600 crentes o trabalho só foi crescendo, houve necessidade de construir novos templos, conforme o trabalho foi se desenvolvendo houve a necessidade de dividir e transformar em sede alguns municípios.

Viu a necessidade da população carente e fazia obras sociais através do Instituto Benemérito que foi criado pelo pastor Manoel Ribeiro, e foi oficializado como Instituto somente na liderança de Boaventura que legalizou documentação, com o Instituto funcionando pode ajudar a população carente com assistência medica, medicamentos, cursos profissionalizantes, criou também a escola Gunnar Vingren onde pode atender a população carente e os filhos dos crentes.

Conforme Alencar (1997) o Instituto Benemérito Evangélico foi construído o seu prédio localizado na Rua Luís Domingues inaugurado em fevereiro de 1970. A cidade ia

crescendo e em cada bairro era aberta uma congregação, o pastor Boaventura via a necessidade de um templo maior e no dia 6 de novembro de 1986 lançou a pedra fundamental no terreno que media 75x16m com prédio de dois pavimentos.

Segundo Alencar (1997) o plano de Deus estava se cumprindo na vida do pastor Boaventura onde teve a sensibilização do coração do governador do Estado, para ajudarem nesta obra que dignifica o nome de Deus e da Assembleia de Deus em Bacabal.

Diante das dificuldades com a construção do novo templo viu-se o agir de Deus, pois o governador deu a importância de suficiente para levantar a laje e o levantamento das paredes, e ainda fazer instalações elétrica e hidráulica. No período de construção do novo templo pastor Boaventura adoeceu e não podia da assistência aos trabalhos onde teve ajuda do pastor Francisco Raposo que era o vice-presidente da igreja e prestou assistência aos irmãos e aos trabalhos em andamento.

Segundo Alencar (1997) afirma que “mesmo terminado o mandato de governador de Joao Alberto, seu sucessor o Governador Edson Lobão também colaborou com a construção do templo doando uma valiosa quantia, onde deu mais um impulso na obra, e foi marcada a inauguração para dia 25 de dezembro de 1993.

Uma das marcas do ministério do pastor Boaventura na cidade de Bacabal e o Templo Central da Assembleia de Deus, considerado um dos maiores do Maranhão. Em entrevista ao jornal CEADEMA em foco o pastor Boaventura relata sobre este grande projeto:

No dia 09 de novembro de 1946, quando ainda não havia sido ordenado ao ministério, em Magalhães de Almeida, eu vi esse templo do jeito que ele hoje. Oito anos depois vim a Bacabal e conheci este lugar, decorridos 17 anos, assumi o pastorado da AD em Bacabal.

Quando tratei do assunto pela primeira vez, a igreja não se manifestou favorável ao projeto, todo mundo foi contra, passaram-se dois, três meses, eu voltava ao assunto, más resposta era a mesma. Esperei com perseverança e, 23 anos depois, tive o apoio da maioria em torno do projeto, sempre agir assim. Procurei trabalhar, sem jamais contrariar a igreja do senhor, entendia que o

sucesso do líder no realizar a obra decorre de fazer em acordo com a igreja e seus auxiliares. Após 23 anos de luta, consegui o apoio da maioria dos irmãos. No entanto, ocorreu o que eu não esperava: quando chegou o dia de marcar o terreno, e quando todos haviam concordando com o projeto, mais uma vez houve novo posicionamento contrário a excursão da obra, então, a ficar sozinho eu e meu projeto. Passei uma semana marcando terreno fazendo-o sozinho. Imagine, alguém marcando sozinho uma construção de 76 metros de comprimento? Mas logo em seguida, Deus usou um irmão para ajudar, depois outro, mas outro...Finalmente, o templo foi construído, todos ficaram felizes! (CF,2006, p.6)

Quando perguntaram sobre a inauguração Boaventura disse que tinha certeza de estar participando mas não tinha certeza que assistiria a inauguração ,pastor Estevam que presidia a solenidade de lançamento da pedra fundamental replicou dizendo que pastor Boaventura participaria da inauguração ,foi o que aconteceu diante de tamanha emoção inauguração do templo da Maranhão sobrinho atual rua da Assembleia de Deus ao passo de cortar a fita simbólica Boaventura não sentiu o que estava fazendo, liberando seu estado de consciência somente dois dias depois fato que coincidiu com a primeira visão que o mesmo teve do templo em 1946 não vendo a inauguração do templo com a saúde debilitada e a falta de condições físicas a maior preocupação do pastor era não permitir que o trabalho do senhor sofresse por sua causa .(CF,2006,p.6)

Conforme Alencar (1997) foram 33 anos de lutas e vitórias que Boaventura esteve afrente da AD Bacabal, e 16 anos outros campos tendo deixando ele exausto e esgotado fisicamente, o seu pedido de jubilação que se deu no dia 19 de abril de 1996.

E em 22 de março de 1996, recebeu sua jubilação ou (aposentadoria) em uma reunião extraordinária da diretoria da assembleia de Deus em Bacabal, por conseguinte em 19 de abril do mesmo ano pastor Boaventura entregou a liderança da AD Bacabal ao seu auxiliar pr. Francisco Raposo Soares Filho que era vice-presidente na época, ocasião em que foi oficializado a pose do pastor titular da igreja, estavam então presidente da CEADEMA, pr. Antônio Meton Soares e dezenas de pastores de diversas partes do Maranhão.

De acordo com ALMEIDA, (2016) Boaventura assegura que não foi fácil desapegar-se inicialmente das atividades da igreja, mas era necessário pois já não disponibilizava de condições físicas.

Em 1996 anos de eternas lembranças para Boaventura por que foi um ano de muitos acontecimentos em sua vida primeiramente porque foi marcado pela falecimento de seu irmãos pastor Estevam Ângelo de Sousa que estava vindo com sua filha Semida Sousa onde sofreram um acidente de carro e faleceram quando estavam vindo para casamento do pastor Boaventura que aconteceria no dia 14 de fevereiro de 1996 e teve que ser adiado para o dia 30 de março do mesmo ano, onde ele casou se com Severina de Jesus Ribeiro Sousa, de cuja União nasceu Keren Ribeiro Sousa em 1 de agosto de 1998, pastor e pai de 13 filhos sendo 12 do primeiro casamento e uma filha de sua atual união totalizando 13 filhos.

Teve a graça de contabilizar 38 netos e 65 bisnetos, constante na obra do senhor ele aos seus 90 anos e com total ímpeto que cursou bacharel em teologia, pela FAETAD, UNITI, NAB. Quando foi ordenado a pastor havia lido apenas 67 livros sendo a carta de abc e sua bíblia. Boaventura foi descrito da seguinte forma em sua Autobiografia:

É ministro do evangelho desde o ano de 1947, quando ingressou na CEADEMA, apresentado ao ministério pelo pastor Jose Candido Rodrigues, sua credencial da CEADEMA e de número 25, sua inscrição na CGADB e a de número 1270, de seu 70 anos de ministério 33 foram em Bacabal, é bacharel em teologia pela Faculdade de Educação Teológica das Assembleia de Deus FAETAD, Práticas de enfermagem pela universidade Estadual UEMA E PELA UNITI-Universidade da Terceira idade em parceria com a UEMA, e diversos cursos técnicos.

Muito contribuiu com a Assembleia de Deus no Maranhão em Bacabal, onde ainda prestava assistência na congregação do Bairro esperança onde vez por outra estava presente em seus trabalhos por ser congregação próxima a sua residência, e sempre que podia estava nos cultos de Doutrina que acontecem todas as segundas feiras no templo Central da Assembleia de Deus. No dia 11 de julho de 2017 Boaventura teve complicações cardíacas e pulmonares onde faleceu no hospital Regional Laura Vasconcellos deixando um grande legado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração deste trabalho foi nosso objetivo, analisar a narrativa autobiográfica produzida pelo pastor Boaventura Pereira Sousa, reconhecido como importante liderança na expansão do pentecostalismo maranhense especialmente na Assembleia de Deus em Bacabal que ocupou o cargo de pastor presidente por 33 anos, deixando o cargo por motivo de jubilação.

Onde exploramos as reflexões que englobam o trabalho de escrita de si e a maneira como se condiciona o trabalho de enquadramento da memória nessa instituição, e as dimensões e problemáticas que concerne aos estudos de trajetórias de vida nas ciências sociais, fizemos uma breve reconstituição da implantação do pentecostalismo, com o propósito de oferecer condições para compreensão do espaço de análise, em que se insere a trajetória do pastor Boaventura.

Buscamos reconstruir seu percurso e retrabalhar suas diferentes etapas de sua vida, experiências e relações sociais, políticas e religiosa, todas organizadas em função da fé.

Durante minha pesquisa pude perceber que o trabalho feito pelo pastor Boaventura na região do médio Mearim não apenas no contexto religioso é lembrado por muitos fiéis e sociedade bacabalense quando esteve afrente da Assembleia de Deus, desenvolveu trabalhos sociais cujos beneficiados era população, oferecendo curso de capacitação profissionalizante, e distribuições de alimentos e medicamentos através do Instituto Benemérito e escola Gunnar Vingren.

As contribuições deixadas por Boaventura foram significativas para o crescimento da AD em Bacabal, um dos grandes marcos do seu ministério é templo sede dessa denominação, obra que contou com empenho dos fiéis e ajuda de autoridades políticas do Estado e da região. Aos 90 anos Boaventura lança sua autobiografia com a intenção de contribuir para o crescimento da obra de Deus, com o objetivo de que os pastores atuais conheçam um pouco da história dos pioneiros.

Dentro do contexto de gestão da memória e de sua própria história em datas comemorativas desde a década de 40 a produção do que se poderia chamar de “memória da igreja” a assembleia de Deus é uma das igrejas que dispõe de muitas fontes escritas, históricas, biográficas de seus líderes. Durante elaboração deste trabalho pude perceber que a biografia dos fundadores contribui para o estabelecimento da identidade do grupo.

ANEXOS

Imagem 1 -capa da biografia do pastor Boaventura

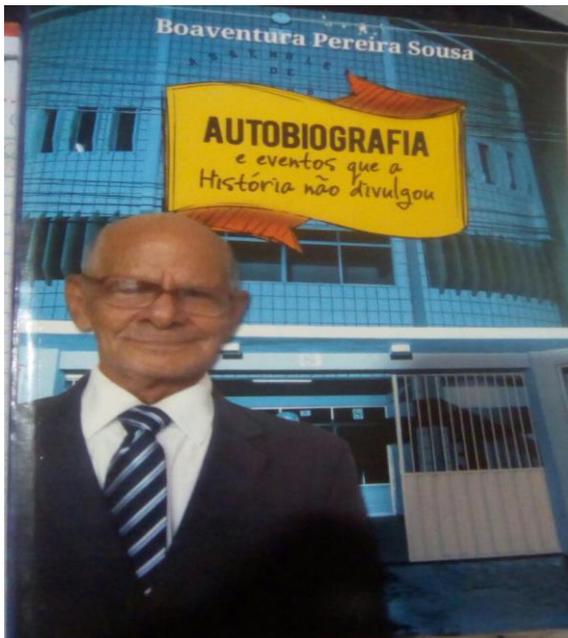


Foto: Imagem biografia do pastor Boaventura

Imagem 2 -Verso da Biografia do pastor Boaventura



Foto: Imagem da biografia do pastor Boaventura

Imagem 3 -Primeira esposa do pr. Boaventura



Foto: da biografia do pr. Boaventura

Imagem 4 -Boaventura e Inácia em 1960



Foto: biografia do pr. Boaventura

Imagem 5- Templo de Redenção Primeira Igreja lidera por Boaventura

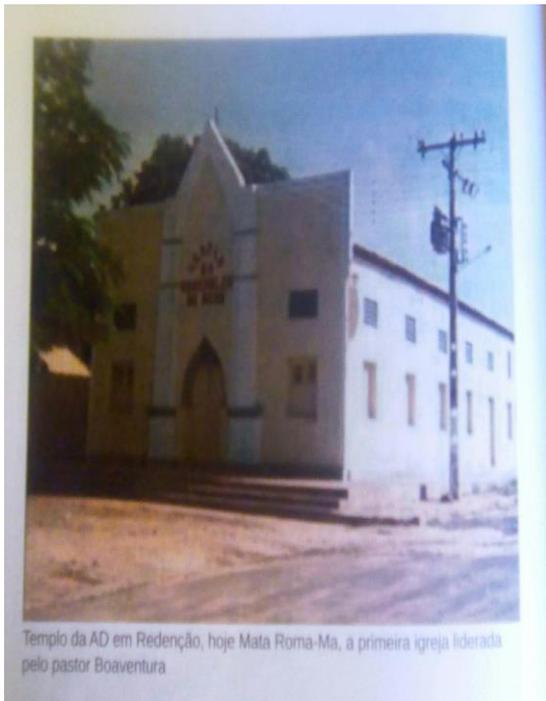


Foto: biografia do pr. Boaventura

Imagem 6 -segunda igreja liderada por Boaventura

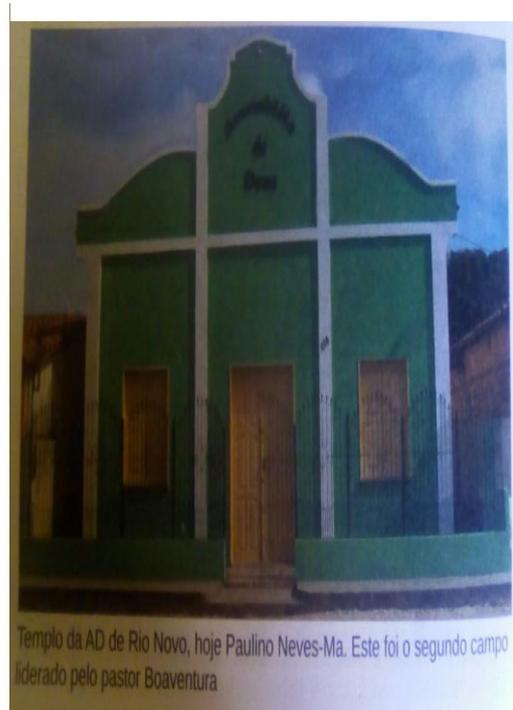


Foto: biografia Boaventura

Imagem 7-pedra inicial do templo de AD Bacabal 1986

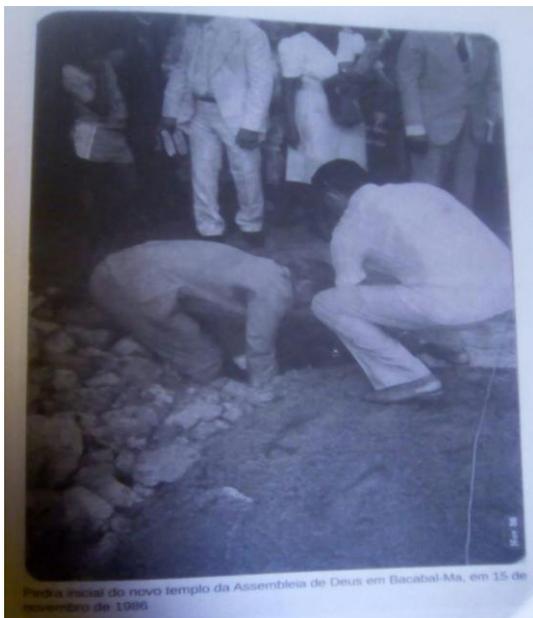


Foto: biografia do pr. Boaventura

Imagem 8 -templo da AD Bacabal quando Boaventura assumiu

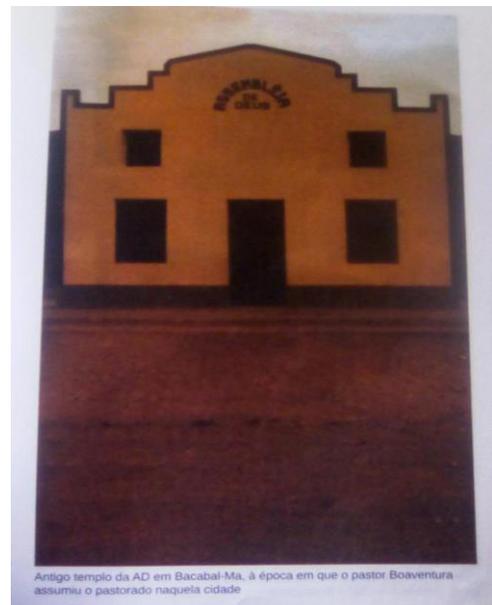


Foto: biografia Boaventura

Imagem 9 -Templo antigo da AD Bacabal

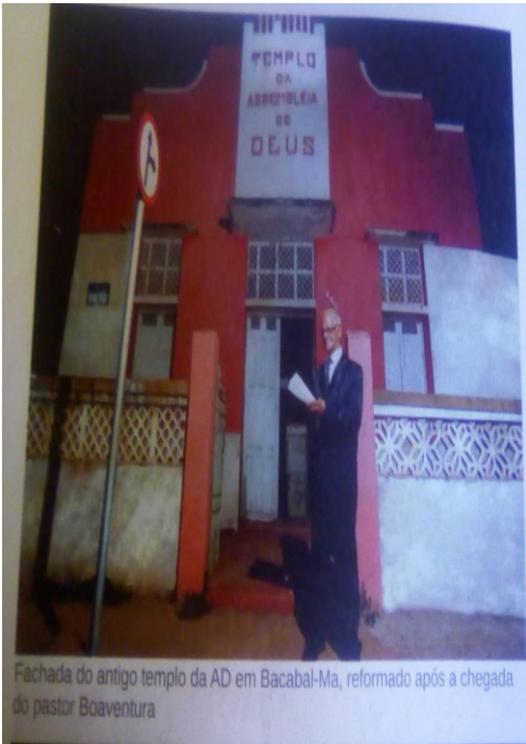


Foto: biografia pr. Boaventura

Imagem 10 - Pr. Boaventura e seu Sucessor Pr. Francisco Raposo



Foto: Biografia pr. Boaventura

Imagem 11-Boaventura e suas ferramentas

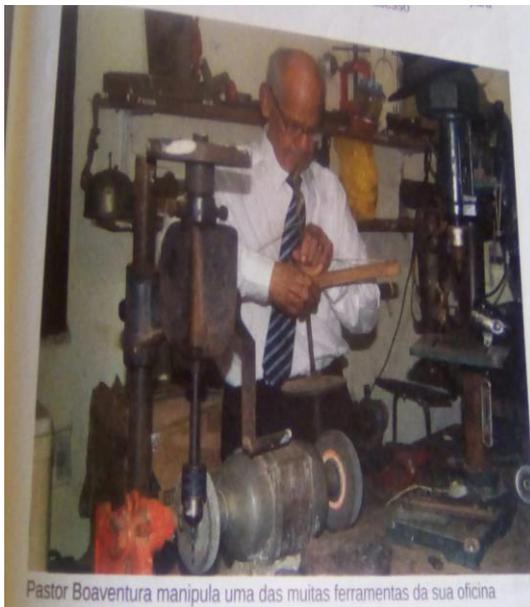


Foto: biografia Boaventura

Imagem 12-Boaventura radiola de 300 anos



Foto: biografia de Boaventura

Imagem 13-Boaventura e nome das suas profissões



Foto: biografia de Boaventura

Imagem 14 - Boaventura e Pr. Antônio Jose

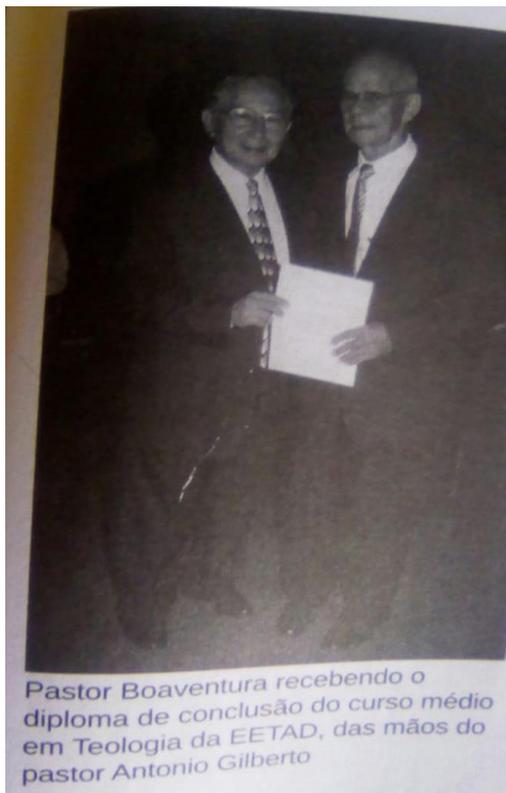


Foto: biografia Boaventura

Imagem 15-Boaventura e Seu amigo Sen. João Alberto



Foto: biografia Boaventura

Imagem 16- Boaventura segunda esposa Severina e sua filha Maria Keren



Foto: Biografia do Pr. Boaventura

Imagem 17-Diploma CGADB

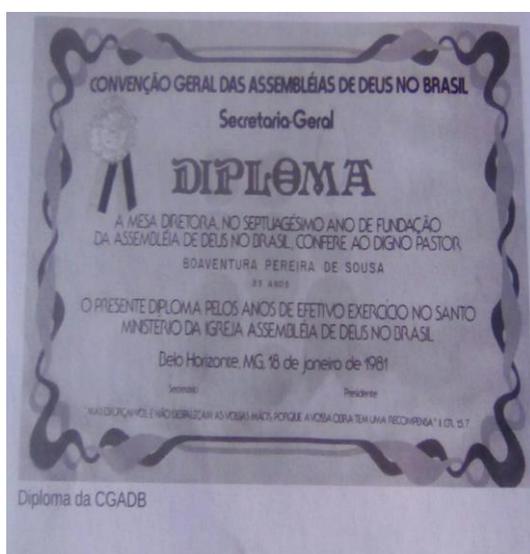


Foto: Biografia de Boaventura

Imagem 18- Certificado FAETAD -Curso de Bacharel Teologia

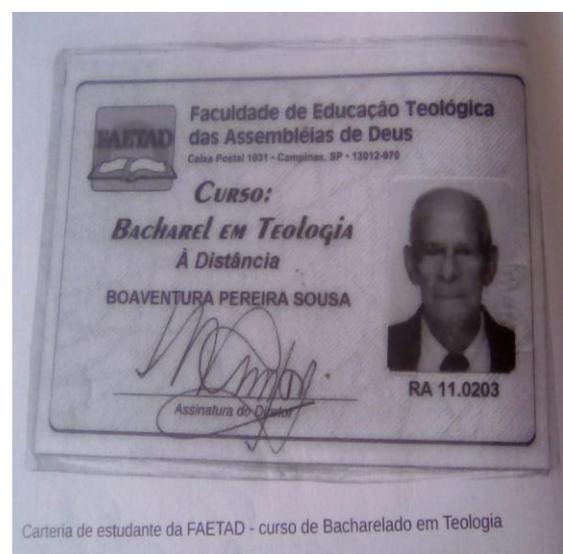


Foto: Biografia de Boaventura

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Poliane Pereira. **Trajetória e Ministério do pastor Boaventura Pereira Sousa na Assembleia de Deus em Bacabal** (1963-1996). São Luís –MA, 2017.67f.
- ALENCAR, Orlando Alves de. História da Assembleia de Deus. Bacabal-Ma, 1997.
- BERG, Daniel. Enviado por Deus. Memórias de Daniel Berg. 8 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- BERTAUX, D. 1999 [1980]. “El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades”. **Proposiciones**, 29, marzo, p. 1-23.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. in FERREIRA, M e AMADO, J. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- CHARTIER, Roger. “**A história hoje**: dúvidas, desafios, propostas”. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994. p. 102.
- CONDE, Emílio. História das Assembléias de Deus no Brasil. 6 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.
- DANIEL, Silas. História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.
- D´AVILA, Edson. Assembleia de Deus no Brasil e política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz. 2006. Dissertação (**Mestrado em Ciências da Religião**) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, 2006.
- DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral e narrativa: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DUBAR, Claude. **Agente, ator, sujeitos, autor**: do semelhante ao mesmo. Artigo apresentado no Primeiro Congresso da Associação Francesa de Sociologia, em fevereiro de 2004
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Religião e memória: Afirmção da memória institucional da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 5, n. 13. _____ . Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro de Perus. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião – Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2011.

GOMES, Francisco Assis. Resenha da minha conversão a Cristo. 1985

GRIJÓ, Luiz Alberto. **Biografia pra quê?**. In: Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas considerações recentes. Odaci Luiz Coradini (org.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

GUÉRIOS, P. R. – 2011 – “O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas”, in Campos, 12(1), pp.9-29

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

Jornal CEADEMA em foco. 2006.

LAHIRE, B. De la réflexivité dans la vie quotidienne : journal personnel, autobiographie et autres écritures de soi. *Sociologie et sociétés*, 2008. 40(2), 165–179. doi:10.7202/000652ar

_____. **Sociología y autobiografía**. Revista de Antropologia Social. n.º 13, p. 37-47, 200ª, ISSN: 1131-558X.

LEVI, Giovanni. **Os usos da Biografia**. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Janaína de Moraes Ferreira. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LE GOFF, Jacques. **São Luís: biografia**. Tradução de Marcos de Castro. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 2002.

LORIGA, Sabrina. **A biografia como problema**. In: REVEL, Jacques. Jogos de Escala: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-249.

MOTA, Elba Fernanda Marques. **Representação de si e práticas da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)**. São Gonçalo, RJ. 2013, p.167.

PASSERON, Jean Claude. **A encenação e o corpus: biografias, fluxos, itinerários, trajetórias**. In: O raciocínio sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 204-227.

SILVA, Rayfran Batista da. A História da Assembléia de Deus no Maranhão: Assembléia de Deus em São Luís 80 anos de pentecostes e evangelização. São Luís: Edgraf, 2001.

SAMPAIO, Camila Alves Machado. **“Remido pelo espírito”**, no comando da vida: Trajetórias de líderes pentecostais em uma favela carioca. Rio de Janeiro, RJ. 2007. 94f.

- SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patrícia; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: revisão e perspectivas, **Civitas**, vol. 14, nr. 2, p. 359-382, 2014.
- SAPIRO, G. 2012. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. *Revista Pós Ciências Sociais*, 9(17), pp. 19-50.
- SILVA, Marcos Ferreira. **Sob trilha uma nova fé**. Revista dos 75 anos do pentecostalismo Assembleiano Bacabal-Ma, 2012.
- SILVA, Marcos Ferreira. O Pentecostalismo em Bacabal-MA: representabilidade e protagonismo da Igreja Assembleia de Deus nas décadas de 1930 a 1950/Caxias :CESC,2006.91.il.
- SOUSA, Boaventura Pereira. **Autobiografia e eventos que a história não divulgou**. São Luís - MA: Gráfica e Editora Excelência, 2016.
- SOUZA, Estêvam Ângelo de. Nos rastros de um servo. 1994. (texto não publicado).
- _____. O Padrão Divino Para uma Família Feliz. São Luís: SIOGE, 1995.
- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP**, v. 14, n. 1, p. 37-64, 2003.
- DE OLIVEIRA SOUSA, Bertone. Pentecostalismo, urbanização e modernidade: análise histórica do crescimento da Assembléia de Deus na cidade de Imperatriz (MA). **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 100, p. 119-126.
- COSTA, Moab César Carvalho et al. MUDANÇA DE ETHOS DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO PARA O NEOPENTECOSTALISMO. ESTUDO DE CASO: A ASSEMBLEIA DE DEUS EM IMPERATRIZ-MA. 2011.
- MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da religião**, v. 4, 2008.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru: EDUSC, 2004
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. **Trajetórias e biografias**: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias* [online]. 2007, n.17, pp. 240-264. ISSN 1517-4522.
- DE ARAÚJO SANTOS, Lyndon. As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira. **Revista de Estudos da Religião**, n. 1, p. 1-14, 2005.

WITT, Marcos Antônio. Excepcionais normais? A (s) trajetória (s) de três pastores no Sul do Brasil (1824-1893). **História Unisinos**, v. 20, n. 3, p. 287-299, 2016.

PAULA, Robson de. " Os cantores do Senhor": três trajetórias em um processo de industrialização da música evangélica no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 55-84, 2007.

PIÑA, C. – 1991 – “Sobre la Naturaleza del discurso autobiográfico”, in Anuário Antropológico 88, pp. 95-126.

POLLAK, M. – 1989 – “Memória, Esquecimento, Silêncio”, in Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, pp. 3-15.

Sites consultados

<https://youtu.be/MKfxVRBSGOU?t=23>

https://youtu.be/U_xyfI-HYvI?t=551